



AMOR ALÉM DAS PALAVRAS

~~PRÍNCIPE ENCANTADO?~~

Sapo



CONEXÕES INEXPLICÁVEIS

ALESSA BOREGGIO

CAPÍTULO 1 – NÃO É VOCÊ, SOU EU...

“Não é você, sou eu... acabei de sair de um relacionamento e não consigo entrar em outro nesse momento... ainda estou com sentimentos confusos e blá, blá, blá.” Eu poderia me importar um pouco mais com o que o Mike está dizendo, se minha mente não me traísse e me jogasse no final dos 12 términos de namoro que já tive. Lá estou eu novamente, saindo de uma relação. Mas agora é diferente, nas outras 12 vezes, fui eu quem terminou. Ser chutada assim não fazia parte do meu repertório e quer saber, dói.

Eu já deveria estar acostumada, afinal, foram mais namoros que filmes da franquia Velozes e Furiosos. Mas nunca é fácil sair de uma relação, mesmo que ela dure 21 dias. É isso mesmo, meu namoro mais curto durou 21 dias. Será que isso pode ser considerado um namoro?

Antes que comece a me julgar, já vou logo dizendo: eu mudei muito de cidade. E quando digo muito, é muito mesmo. Mais especificamente 16 vezes. Ou seja, foram 11 cidades diferentes com mais de 31 casas. Essa conta não está batendo, né? Mas o lema da minha família sempre foi: por que não errar novamente? Então, teve cidade em que moramos 3 vezes em momentos diferentes. Imagina quantas escolas, amigos e namorados eu não fiz? Se considerarmos essas mudanças, nem cheguei a ter 1 namorado por mudança. Mas se considerarmos que eu comecei a namorar com 14 anos e meio, aí essa conta sobe um pouquinho, né?

Tá, não vou explicar o porquê dos meus pais se mudarem tanto, mas vou dizer que não éramos do circo e meu pai não era militar. O máximo que posso dizer é que ele era um sonhador e arrastava sempre sua família atrás de sonhos ilusórios e fadados ao fracasso. Mas também não quero falar sobre isso agora. Vamos voltar ao meu término, ou melhor, ao término do Mike.

“Gostaria de ter te conhecido em outra situação... esse momento não é o melhor...” E o discurso continua. Para diminuir minha humilhação, digo ao moreno cruel e sexy que entendo a situação e me despeço com um beijo. Na verdade, o que eu queria fazer era lhe dar um belo chute na cara, mas engoli minha dignidade e sai do carro dele de cabeça erguida. Isso até chegar ao meu travesseiro. Pobre travesseiro. Quantas e quantas noites não dormiu molhado após enxugar minhas lágrimas. Como eu disse, namorei muito.

A noite não foi uma das mais fáceis. Ao invés de dormir e me preparar para o próximo dia de trabalho, passei bem umas 3 horas catalogando o que posso ter feito de errado para o namoro terminar assim. Se é que posso chamar de namoro sair com a mesma pessoa 3 vezes e conversar 5. Então, rolar e rolar e rolar pela minha cama foi um dos maiores exercícios que fiz nos últimos tempos.

Ao acordar me dou conta de que não dormi nem 2 horas inteiras, então minhas olheiras devem estar bem afloradas. Mas nada que um bom corretivo não resolva. Do meu quarto, já posso sentir o cheiro tão familiar do café preto. Apesar de ser muito cedo ainda, minha mãe sempre insistiu em levantar e tomar o café da manhã comigo.

Moro em uma casa simples com meus pais e 4 cachorros. Isso mesmo, 4 cachorros. Já cheguei a ter 5, mas desconfiei que a ameaça da minha mãe de me expulsar de casa se eu arrumasse mais um, era verdadeira. Então, quando um deles se foi para o céu dos cachorros, me conformei em amar somente 4.

A casa em si não tem grandes atrativos. Possui 2 quartos, um meu e um dos meus pais, uma sala de visitas, uma sala de jantar que é usada como escritório e uma cozinha. Ela é mal-acabada, mal pintada e mal arrumada, mas ainda assim chamamos de lar.

O melhor lugar da casa é meu quarto, isso porque desde que comecei a trabalhar, e por trabalho, digo estagiar, gastei toda minha fortuna de não mais 500 dólares para mobiliá-lo. Tem uma cama modesta, um

guarda-roupas que consegui comprar após 4 anos, uma cômoda e a tão amada e companheira, televisão. Desde que me conheço por gente, sonhava em ter uma no meu quarto e essa foi a melhor aquisição da minha vida. Agora posso me afundar na cama, assistindo a todas as comédias românticas do mundo, sem ninguém me perturbar querendo o controle remoto para assistir jogos ou jornais. Mas até agora não entendo por que comprei um tapete verde.

Os moradores da casa, aí sim, tem grandes atrativos. Meu pai, que na verdade, não é meu pai biológico, continua sendo um sonhador. Aquele, quero esquecer que um dia existiu. Aliás, nem deveria ter nascido. Mas se não tivesse nascido, hoje eu não estaria aqui contando essa história, né? Então, tudo o que você precisa saber é que considero Simon como meu verdadeiro pai. Ele, como eu já disse, continua sendo um sonhador e uma coisa aprendi rápido: sonhos não enchem barriga. Simon vive de um negócio ali, outro negócio aqui e dinheiro, nada! É um gordinho simpático de 110 kg, que vive sentado no sofá. Acho que gordinho não é a melhor palavra. Ele está, sim, acima do peso. Mas quando lhe questiono sobre emagrecer, ele logo diz: “Pra que vou emagrecer? Quero mais é que meu caixão esteja bem pesado quando forem me carregar.” E sim, era para isso ser uma piada, se não fosse tão mórbido. Mas mesmo assim, sempre damos gargalhadas dessa resposta. Minha mãe diz que ele era um “pão”, quando era jovem. Com cinturinha tamanho 06, mas eu duvido. Difícil de acreditar. Parece que ele engordou depois que ela o “obrigou” a sair dos bombeiros. Algum lance sobre ele poder morrer soterrado ou queimado. Algo assim.

Minha mãe é dentista, e acredito que seja a única pobre que conheço. Apesar de ser uma linda morena alta, não tão alta, mas desconfio que qualquer um seja maior que eu, seu rosto apresenta as marcas de uma vida sofrida, com poucos altos e muitos baixos. Vinda de uma família abastada, minha mãe estudou nos melhores colégios e viajou para os melhores lugares, mas nunca se encaixou bem nessa vida de luxo e supérfluos. Mas mesmo que tivesse se encaixado, não teria adiantado de nada, pois meu avô perdeu tudo, afundando a família em dívidas. Seu maior desgosto, porém, foi ver a filha casada com um pé rapado e isso ele não iria perdoar. Mas essa é uma história para outro livro.

Temos uma vida bem restrita, mas cheia de amor. Costumo dizer que somos os 3 mosqueteiros. Sempre unidos contra tudo e contra todos. Será que plagiei isso de alguém?

Hoje tenho 25 anos, meio baixa e meio alta... mentira! Só meio baixa. Não passo de 1.61, um corpo bem em cima pra moda do momento, cabelo loiro acinzentado com cachos que tento domar diariamente, olhos cor de mel, um nariz que eu odeio, apesar de somente eu notá-lo, e estou solteira. Deu pra perceber, né? Se não é pela minha aparência, desconfio que há algo de errado em mim, porque não paro com ninguém.

Me formei há 6 meses em jornalismo e recentemente fui contratada como jornalista trainee em um grande jornal, o “The Works.” Trainee seria um exagero. Estou mais para estagiária de luxo, mas amo o que faço. O que não amo é ter que acordar às 05:30 da manhã todos os dias, para enfrentar metrô, metrô e mais metrô. Mas ainda assim, amo o que faço.

O Mike, aquele Mike da noite passada trabalha comigo. Que ótimo. Agora serei obrigada a vê-lo sempre que for buscar um café na máquina de expresso. Por sorte, ele é mais como um jornalista de campo, então conseguirei me esconder quando ele aparecer para dar o ar da graça na Redação.

Ainda não tenho muitos amigos no jornal, aliás não tenho amigos na vida e sabe por quê? PORQUE EU ME MUDEI MUITO! Num mundo bairrista, se você não estudou com a Mariazinha desde o jardim da infância, você nunca fará parte do baile de debutantes dela. Essa sou eu: sozinha num mundo cheio de debutantes. E não como se eu não quisesse ser uma. Ah, eu queria e como! Aliás, eu sempre quis ser a princesa encantada que é salva por um príncipe em seu cavalo branco. Mas logo percebi, que no meu castelo dos sonhos, só chegavam sapos cavalgando pangarés.

Mas já descobri de quem é a culpa. Da Disney, claro! Passei minha infância assistindo finais felizes de princesas e sonhando com o meu. Eu, definitivamente, não estava preparada para um mundo nada cor-de-rosa e sem príncipes encantados. Aliás, se alguém souber da existência de algum, poderia me dizer?

Mas voltando ao meu trabalho, seu eu não sair pra rua em exatos 4 minutos, irei perder o primeiro metrô e chegar atrasada está, totalmente, fora de cogitação. Lembra que sou uma estagiária de luxo? Igual a mim, existem mais 4 disputando a tão sonhada vaga de jornalista efetiva.

Me despeço da minha mãe com um beijo, mas não antes de fazer um breve relato sobre o fim do namoro-que-nem-era-namoro. As olheiras, mesmo com corretivo, denunciaram a noite de insônia. “Vai passar, Lia. Logo você vai conhecer seu príncipe encantado”, minha mãe diz com um semblante suave que me traz conforto. Mas no fundo, não sei se acredito que isso vá um dia acontecer ou se realmente quero que isso aconteça.

A manhã na Redação está passando rápido. Apesar da correria para chegar no horário, às 8 em ponto, eu estava em minha mesa e já a postos para responder os mais de 55 e-mails que recebi desde ontem. Meu Deus, as pessoas não ligam mais? Pra que mandar tanto e-mail se basta olhar pro lado e perguntar pra pessoa?

Ainda me surpreendo com todo o luxo e glamour da Redação. Localizada em um prédio de 30 andares na Quinta Avenida, ela conta com um pé direito de 10 metros, ocupando 3 andares do prédio. Apesar da monstruosidade de tamanho, as mesas são alocadas uma em cima da outra, para dar espaço a mais trabalhadores. Tendo regionais por todo o país e correspondentes em todo mundo, nosso escritório é a matriz do Jornal. E eu sou, somente, mais uma perdida em uma mesa atolada de papeis e e-mails.

Já são quase 11:00 e nada do meu editor nos chamar para a tão aclamada e nada amada reunião de brainstorming. Geralmente, fazemos no meio da manhã de toda sexta-feira para definir os temas que entrarão nas publicações da semana seguinte. Sinto minha cabeça fervendo de ideias, mas não consigo expressá-las ainda. Sempre que tento, sinto meu peito inflar e meu pescoço arder. Sinal de que estou toda vermelha. Mas dessa vez, vou falar. Vou dizer minha incrível ideia. Se tiver dessa vez, né, porque nada de reunião até agora.

“Planeta Terra chamando Lia.” Minha colega de sessão está parada a minha frente me chamando, mas não consigo ouvi-la. Minha atenção foi desviada para a porta. Lá está Mike e não tive tempo de me esconder.

“Oi, Ana, me desculpa. Não havia te visto”, respondo meio desatenta.

“Lia, Jaques está te chamando. Tem algo a ver com uma revisão que você ficou de entregar e até agora nada.”

Ai, meu Deus! A revisão! Esqueci completamente que meu chefe, o famoso Jaques Lawrence, havia me pedido para revisar uma matéria até quinta-feira — e quinta-feira foi ontem. Estou perdida.

“Vou falar com ele” digo a Ana e saio correndo da mesa. Um ótimo pretexto para me esconder do Mike, mas não sei o que vou dizer a Jaques. Tenho exatamente 5 segundos para pensar em uma desculpa.

“Oi Lia”, diz Jaques me apontando a cadeira para eu me sentar. A sala do editor chefe do The Works é tão glamorosa quanto a Redação. Possui diversas estantes com livros e uma parede repleta com as melhores

publicações do Jornal, principalmente aquelas que foram destaques e receberam premiações. Ao centro da sala, há uma mesa espaçosa e minimalista, apenas com alguns papéis, cadernos, porta canetas e um daqueles “trequinhos” de bolinhas metálicas, que empurramos para as bolinhas se tocarem eternamente. Acho que serve para desestressar, mas se eu tivesse um desses, ficaria mais estressada ainda, tentando entender como funciona ou como faço para pará-lo de 100 maneiras diferentes.

“Preciso da revisão da matéria sobre o mundo subterrâneo das grandes cidades”, Jaques diz me olhando de forma penetrante. Enquanto me sento, acesso meus arquivos mentais para encontrar uma desculpa para não ser demitida do meu primeiro emprego.

Jaques é um solteirão de meia idade cobiçado e muito gato. Seu cabelo grisalho deixa as estagiárias malucas e as veteranas ouriçadas, mas ele faz questão de usar todo seu charme somente quando fazemos o que ele quer. E nesse exato momento, consigo ver por traz dos lindos olhos castanhos penetrantes, as chamadas avermelhadas da raiva.

“Sim, Jaques. Está quase finalizado. Percebi alguns dados no texto de Liam que podem estar incoerentes e estou checando. Por isso, está demorando um pouco mais”, respondi meio que sem respirar.

“Sim, Lia, mas quero lembrá-la que esse não é seu trabalho. Já temos checadores suficiente e esse texto já foi destrinchado, preciso só da revisão ortográfica.”

“Claro Jaques. Irei finalizar.” Nesse instante, sentia que meu rosto pegava fogo. Nunca gostei de pisar na bola e sempre fui apaixonada por surpreender. Aliás, esse é o meu lema, “faça certo da primeira vez e surpreenda”, mas justo na minha primeira vez com um trabalho tão importante, nem fiz certo e nem surpreendi. Aliás, nem fiz.

“Quero na minha mesa até amanhã às 07:00”, Jaques finaliza, agora sem olhar nos meus olhos.

“Pode deixar”, respondi já me levantando e pronta para sair correndo da sala. Mas é claro que não consegui fazer isso, porque a porta estava sendo bloqueada por um lindo moreno alto, com um sorriso torto nos lábios, encostado no batente, ou melhor, escorado.

“Oi, Lia”, diz Mike ao me ver. “Oi, Mike”, e nem consegui dar um sorriso de volta, tamanho meu constrangimento. A única coisa que consegui fazer foi correr para o banheiro e chorar desesperadamente. Não chorei pelo Mike, você deve estar pensando, nem sei se gostava dele, chorei por dar mancada no meu primeiro trabalho importante e por passar vergonha na frente dele. Posso não estar apaixonada pelo cara, mas levar um pé na bunda dele e ainda passar vergonha na sua frente é demais para uma vida só. E assim, eu perdia minha sexta feira.

Após um dia exaustivo de trabalho e mais e-mails pra responder, ainda não havia conseguido tocar no grande texto sobre as cidade subterrâneas. Ao chegar em casa, sabia que a noite ia ser longa, então após o jantar, me despedi dos meus pais e fui para o meu refúgio, vulgo quarto, me enclausurar na masmorra para esperar meu príncipe encantado. Mas enquanto faço isso, acho melhor revisar aquela porcaria de texto, senão, aí sim, serei demitida.

Páginas vão, páginas vem e o texto vai ficando redondinho. Mas minha cabeça não para de viajar. Por que será que não dou certo com ninguém? E por que será que estou trabalhando numa sexta-feira à noite e ninguém deu pela minha falta? Ah, mas é claro. É PORQUE NÃO TENHO AMIGOS. Já te falei que mudei muito?

Pois é... não vai ser essa noite que meu final feliz irá chegar. Aliás, o único final que quero ver é a revisão desse texto mal escrito e medíocre. Por que é que as piores pessoas ficam com os melhores trabalhos? Tenho certeza de que eu teria escrito uma matéria muito mais significativa do que Liam, ao invés apenas de corrigir coerências e ortografias. Mas enfim, aqui estou eu: revisando.

Olho para o relógio e já são 2:35 da manhã. Enfim, termino o texto. Amanhã, passarei cedinho na Redação para imprimi-lo e deixá-lo na mesa de Jaques. Aliás, por que ele simplesmente não pediu por e-mail? Esse deve ter sido meu castigo por ter atrasado a entrega. Pegar 2 metrô (de ida e volta) para entregar algo que poderia ser enviado por e-mail. Boa maneira de me ensinar a cumprir prazos!

E agora, após finalizar aquelas 2.420 palavras, posso ter o tão sonhado sono dos justos. Ou não.

CAPÍTULO 2 – UM DESAFIO OU UMA ENRASCADA?

Ou não, definitivamente! Você já sonhou que queria chegar a algum lugar, mas nunca conseguia? Você anda, anda, anda e o lugar nunca está lá? E do nada, você percebe que está sem roupas no meio da rua? Exato... foi esse, o lindo sono dos justos que tive... um completo terror. Abro os olhos e vejo em meu celular que são 4:47 da manhã. De início me assusto, achando que perdi a hora, mas logo lembro que é sábado. Ufa, posso relaxar mais um pouco. Mas esse pouco dura exatos 5 segundos até eu me lembrar que tenho que estar na Redação às 07:00. Então, se eu não estiver de pé na rua às 05:30, não conseguirei chegar a tempo.

E a partir daí, foi uma correria só. Levantar, se trocar, escovar os dentes, pegar um pedaço de pão adormecido e deixar um bilhete pros meus pais explicando a correria. Às 5:50, estou parada na estação do metrô.

Uma das coisas que mais gosto em Nova York é que ninguém julga ninguém. Aliás, ninguém está nem aí pra você. Se você estiver vestindo meias de unicórnio em plena Quinta Avenida ninguém irá notar. Mas ao mesmo tempo que viver na invisibilidade traz alívio, traz uma solidão imensa. Arrisco dar o palpite que se eu tivesse um infarto dentro de um ônibus, isso só seria notado à meia noite, quando o motorista fosse checar o ônibus antes de recolhê-lo para a garagem de ônibus urbano. O que não deixa de ser irônico, né? Se sentir sozinha rodeado por mais de 8 milhões de pessoas.

Mas enfim, apesar disso, amo NY. Amo menos o meu bairro que fica tão longe da Redação. Bronx. Nos mudamos para cá há uns 4 anos. E deveria ser isso mesmo, afinal o Bronx é considerado umas das Little Italy de NY. Não a Little Italy de Manhattan, mas uma Italy bem mais simples e mais acolhedora. Como somos descendentes de Italianos e amamos uma massa, nada mais lógico que escolhermos esse bairro para morar. Mas o motivo não foi tão nobre assim. Na verdade, essa foi a melhor opção financeira que nossos bolsos podiam pagar. Contudo, apesar do bairro estar sendo revitalizado e não ser mais tão perigoso, não deixa de ser longe pra caralho do meu trabalho.

Chego à Redação às 7:15. Tudo bem, quinze minutos de atraso não são nada para um sábado de sol em que a única pessoa viva nas ruas sou eu! Aliás, hoje é um daqueles dias em que todos resolveram tomar café e ir ao parque curtir o dia, para poder esfregar na minha cara como sou burra por atrasar um trabalho.

Chego tranquilamente ao andar da Redação e procuro o pen-drive em minha bolsa, porque é claro que esqueci de me enviar o material por e-mail. Então porque não dificulto, ao invés de facilitar? Mas quando chego, percebo que já existem algumas pessoas trabalhando. Pessoas que não foram tomar café ou curtir o parque. Pessoas correndo de um lado para o outro, como se o mundo estivesse acabando. E no meio, como um regente de orquestra, se encontra meu lindo chefe, que não está tão lindo assim, devido a desarrumação de sua roupa e os cabelos desgrenhados. Parece até que dormiu aqui. Será?

“Lia”, exclama Jaques assim que me vê. “Que bom que você chegou. Trouxe a reportagem revisada?”

“Sim, Jaques. Está aqui. Já vou imprimir-la”, respondo ligando rapidamente meu computador.

“Não precisa. Você pode mandar por e-mail diretamente para a diagramação. Oi? Mandar por e-mail? Então POR QUE ESTOU AQUIIIIII?? Em pleno sábado!!!! Minha vontade era de atirar o grampeador nele, mas engoli minha raiva e respondi apenas “perfeito chefe.”

“Aproveitando que você está aqui...”, ele foi dizendo. Como assim aproveitando? Não vim aqui por acaso. Você me castigou, lembra? “Preciso que você participe da reunião emergencial que irá ocorrer agora, ok?”

“Claro, Jaques. Já estou indo pra sala de reuniões”, e sai andando com um sorriso lindo e nada verdadeiro. Lá se vai meu final de semana. Parabéns, Lia, espero que você tenha aprendido a lição. Mas pra falar a verdade, até que estou feliz por participar de uma reunião extraordinária hoje. O que eu ficaria fazendo em casa? Assistindo mais filmes românticos até concluir que só eu não consigo um príncipe encantado? Claro que não... Tá! Claro que sim! Ai, como sou patética.

A sala de reuniões é enorme. Cabe bem umas 30 pessoas sentadas e mais algumas de pé. Não imagino quando haveria tantas pessoas juntas aqui, pois as reuniões são sempre curtas e com no máximo 5 pessoas, pois são divididas por segmentos de reportagens. Mas dessa vez já estão presentes, pelo menos, 10 pessoas, incluindo sabe quem? Mike, é claro! Será que eu não vou conseguir me livrar desse cara?

“Oi Lia”, ele logo diz, abrindo seu sorriso torto pra mim. Qual é a sua, cara? Me dá um pé na bunda e agora fica com esse olhar meloso pra cima de mim. Pode até ter doído o término, e eu não estar acostumada a ser chutada, mas meu orgulho está intacto. Não fico com esse cara nunca mais, eu acho... Aiiii... Mas que o sorriso dele é lindo, ah, isso é!

“Como você está?” Somente agora escuto o que Mike está me dizendo e respondo com um simples: “Tô ótima, e você?”

“Bem também. Fico feliz de te ver tão bem.” Ah, cara, me poupe. Eu já ia mandá-lo pro inferno com essa educação linda dele, quando Jaques entra na sala com mais dois caras que nunca vi e todos se viram em silêncio.

“Pessoal, esses são Jack e Owen da divisão internacional do Jornal. A pedido dos acionistas, eles estão percorrendo todas as unidades do Jornal para lançar um desafio rápido.” Hum, não sei se gosto disso. Não do desafio, pois adoro ser desafiada, mas sempre que dizem desafio, o estagiário de luxo se ferra, trabalhando até tarde para destacar o trabalho de outro.

“Obrigado pelas apresentações, Jaques”, diz o rapaz baixinho com cara de esperto. Ele mais parece o grilo falante do Pinóquio, mas não posso deixar essa imagem me desviar a atenção. Foca, Lia!

“Temos um desafio para todos os jornalistas de campo. Estamos à procura de uma reportagem bomba, para ser lançada na edição comemorativa dos 100 anos do Jornal. Ela será o destaque da edição e o jornalista será premiado.” Uau, destaque... prêmio... efetivação? Tô dentro.

“Funcionará assim”, destacou Jaques. “Iremos dividi-los em duplas e soltá-los. Sem supervisão ou revisão. Quero todas as matérias até a próxima sexta em minha mesa. E não quero vê-los na Redação essa semana. A equipe interna comandará as reportagens semanais para vocês.” Que belo desafio. Jaques falou divinamente. Parece um sonho estar livre para criar. Agora é minha chance de arrasar.

“É claro, porém, que como temos 5 trainees aqui, o líder de cada equipe será um jornalista sênior de campo”, finalizou Jaques. Claro, tava bom demais para ser verdade. Terei uma babá para me acompanhar onde eu for. “Formem as duplas e me passem os nomes agora”, determina Jaques.

“Eu fico com a Lia”, diz Mike, sem ao menos me dar tempo pra pensar. “Eu fico com a Ana”, diz a jornalista Nicole e a partir daí, não ouvi mais nada. Como assim “eu fico com a Lia”? E por que não tive o direito de escolher? Por que será que isso é tão corriqueiro em minha vida? As escolhas são sempre feitas por outras pessoas. Mas pra você entender do que estou falando, tenho que te contar mais um caso de família, ou melhor, o meu primeiro caso de namoro.

A história da minha vida é muito comprida, enrolada, cheia de aventuras, altos e baixos, e não daria para contar em um livro só. Então vou me ater a história amorosa da minha vida e ela começou tão enrolada quanto minha própria vida.

Há 10 anos estava na moda um tal de “ficar.” Não que hoje não seja moda ainda, mas naquela época era quase uma novidade e para pais tradicionais como os meus, ou melhor, como meu pai, “ficar” não era nada bom. Então, em resumo, eu não podia “ficar.” Aliás, eu nem podia sair. Enquanto minhas “amigas”, ou quase amigas, pois eu não ficava muito tempo em um lugar para saber se iriam ou não serem minhas amigas, já frequentavam lanchonetes, bailinhos e festas, eu estava em casa sonhando com meu príncipe encantado. Dá pra ver que sonho muito, né?

Mas vamos ao que interessa. Se eu nem podia sair de casa, como consegui um namorado? Aos meus 14 anos, meu pai já havia percebido que não conseguiria mais me prender dentro de casa, então na primeira oportunidade, ele deu o golpe.

Certo dia, eu estava em seu trabalho, um dos que durou pouco mais que 6 meses, e vi um rapaz “bonitinho”, digo isso porque de longe todo mundo é bonitinho, e disse ao meu pai: “Nossa, que rapaz bonito. Parece o Augustos.” Uma semana antes, em uma viagem a trabalho com meu pai, havíamos conversado sobre garotos. Pasmê! É isso mesmo. Garotos! Não era com minha mãe que eu falava sobre isso, mas como meu pai. Ele sempre foi meu confidente e herói. E durante essa conversa, comentei que estava paquerando um tal de Augustos, mas que havia boatos de que ele estava envolvido com drogas. É claro que meu pai não gostou nada e me pediu para ficar longe dele, mas sabe como é adolescente, né? Por longe, entendemos bem pertinho. Então, quando comentei que o tal rapaz do trabalho dele era bonito, ele logo agiu.

Demorou uma semana para eu perceber que havia caído em um golpe. Meu pai era radialista da rádio local (e não sei como, pois a voz dele não era nada dessas coisas, mas tinha um carisma inigualável) e fez um pronunciamento especial em seu programa. Lembro-me da cena como se fosse hoje. Sempre ouvíamos ao programa dele da tarde e eu estava de short curto e top deitada no encosto do sofá. É isso mesmo, eu estava pendurada no sofá, de cabeça para baixo, como toda adolescente madura agia naquela época.

Foi quando o locutor, vulgo meu pai, anunciou. “Lia, tenho a grande satisfação de dizer que Ryan acabou de pedir sua mão em namoro e eu aceitei. Parabéns, pombinhos... essa música é para vocês.” Gritei “O quê!?” assim que caí do sofá.

“Mããããããeeeeee, o que é isso? Ele tá louco?” E minha mãe fez aquela cara de pastel que sempre fazia quando sabia que meu pai estava aprontando. Eu não podia acreditar. Eu estava oficialmente namorando e nem conhecia o garoto pessoalmente.

Ah, mas a história não para por aí. No final de semana, a família inteira do garoto veio à minha casa se apresentar para mim e o programa do dia era ir ao cinema com ele... e meus pais, é claro! Você consegue imaginar o que é dar seu primeiro beijo no cinema, em um cara que você acabou de ver pela primeira vez, com seus pais 3 fileiras acima de você? Parece surreal quando eu conto. Nem eu acredito, mas aconteceu mesmo. E quer saber, durou 1 ano e 8 meses.

Você deve estar se perguntar por quê? Oras, foi o jeito que encontrei para sair de casa... eu podia ficar na rua até às 22:00 com meu “namorado”, ir a festas, dançar, jogar conversa fora, ou seja, tudo o que uma aborrecente de 14 anos adora fazer. Mas não, ele não foi meu primeiro amor. Talvez eu tenha sido o dele, mas ele, definitivamente, não foi o meu primeiro. Então, perder a virgindade, nem pensar. E fui muito boa de enrolar o garoto.

Após o término do nosso namoro, meu pai desistiu de me segurar e eu caí na vida. Não literalmente, pois ainda estava no ensino médio, mas figurativamente. Aprendi a beber, fiz alguns “amigos”, vivia em festas e churrascos, mas ainda não “ficava” com ninguém. Por quê? Porque o meu maldito cérebro queria cumprir a promessa feita ao meu pai babaca e vivia me censurando quando eu chegava perto de algum garoto. Então para driblar essa dúvida moral, passei a “namorar” os meus “ficantes.” Pronto, problema

resolvido! Eu não ficava, só namorava. Por isso tive 12 namorados, entendeu? E olha que os primeiros foram obrigados a pedir minha mão em namoro ao meu pai. Santo Deus, em que século meu pai vivia?

Mas vamos lá: por que estou contando tudo isso mesmo? Ah, é! Pra explicar por que eu vivia à procura do meu príncipe encantado e por que outras pessoas acham que podem tomar decisões por mim. Deu pra perceber que uma princesa prisioneira de um rei cruel que não a deixava sair para curtir baladas e nem sair beijando quem quisesse era algo traumatizante. Então, sim, eu esperava que meu príncipe chegasse com um cavalo branco, me desse a mão e me levasse para seu lindo castelo encantado.

E a partir daí, passei a romantizar todos os meus relacionamentos. No fundo no fundo, eu era, ou melhor, eu sou uma romântica incurável à procura do meu final feliz. E isso não é nada bom, principalmente quando um lindo, sexy e cruel moreno me recruta para auxiliá-la na reportagem dos sonhos de qualquer jornalista. Será que vou manter meu orgulho intacto?

CAPÍTULO 3 – UMA ENRASCADA, COM CERTEZA!

“Tudo bem pra você, fazemos juntos, Lia?”, diz Mike me olhando profundamente.

“Oi? Ah, desculpa, estava meio distraída.” Sim, distraída lembrando da armadilha que meu pai planejou. E você hein, Mike, o que será que está planejando?

“Sim, claro, sem problemas”, digo logo me levantando da mesa. “Nos vemos na segunda?”, pergunto meio que sem olhar para ele.

“Acho melhor planejarmos nossos passos nesse final de semana, assim na segunda, já teremos ideia do que procurar”, ele refuta rapidamente. Oi? Final de semana? Você não acha que passarei meu final de semana perto de você, planejando sei lá o que, com esse perfume cítrico insuportável e esse sorriso torto né? Nem pensar!

“Claro”, respondo sem ao menos gaguejar. Onde você está com a cabeça, Lia?

“Podemos nos encontrar no jantar hoje? Conheço um restaurante bem calmo em que podemos trabalhar”, ele logo diz, para não perder a oportunidade de me encurralar.

“Hoje à noite? Preciso olhar minha agenda. Só um momento”, digo pegando o celular. Claro que não tem nada na minha agenda. Lembra que não tenho amigos? Mas preciso me fazer de difícil, né? Olho para o celular e vejo escrito em meu calendário “fazer touca no cabelo para alisá-lo.” Opa, precisava mesmo fazer touca e dormir com ela, para ver se as madeixas ficam lisas, mas acho que isso pode ficar para domingo.

“Ok. Só tenho um compromisso com minha mãe, mas posso remarcar-lo pra amanhã”, digo sem dar muita atenção a ele. Afinal, não mostrar interesse é um dos pontos altos de um affair, ou quase isso. Pelo menos, é uma das lições que aprendi nas comédias românticas.

“Combinado então. Te passo a localização do restaurante”, ele diz me dando um último sorriso e saindo da sala. Localização? Como assim? Por que não me dá uma carona, seu babaca? Ai não... será que tô entendendo tudo errado de novo? Será que é só trabalho que ele quer? Mas é só trabalho que eu quero, né?

Volto para casa meio atordoada com o que aconteceu. Afinal, o que aconteceu? Isso está me lembrando uma certa vez, quando eu tinha 12 anos, em que consegui convencer meu pai a me deixar namorar o garoto que eu gostava, afinal, ele havia me dado “vários indícios” de que gostava de mim e como eu só podia namorar, essa era a saída. Após uma longa caminhada com o meu pai e palavras bem escolhidas, consegui o consentimento. Mas calma, é claro que isso não vai dar certo. Lembra que meu primeiro namoro foi com 14 anos e meio?

Então, após conseguir a anuência do meu pai, tive uma das melhores noites da minha vida, já me sentindo adulta, afinal, no dia seguinte, David me pediria em namoro e eu aceitaria. Pelo menos era isso que eu imaginava. Ao chegar no colégio, uma das meninas veio correndo logo me contar a novidade. David havia pedido Annie em namoro. Oi? Como assim? Mas ele não gostava de mim? Será que eu fantasiei tudo?

E essa é a mesma pergunta que veio a minha mente agora. Será que estou fantasiando tudo com Mike?

A noite logo chega e a localização do restaurante também. Não conheço o local. Mas é claro que eu não conheceria. Moro em NY há mais de 4 anos, mas passei 90% do tempo namorando, então só fazia programas de namorados: cinema, filme no sofá, sorvete, almoço em família, mais almoço em família... a família deles geralmente, porque ficar trazendo os meus namorados nesse barraco que moro, não rolava muito. Então, não, não conheço quase nada em NY.

Peço um Uber para chegar ao restaurante, por que pegar metrô a essa hora, não vai rolar. O lugar é realmente aconchegante... O Amaranth é um restaurante pequeno, confortável, com mesinhas na calçada e serve comida mediterrânea. Confesso que nunca comi esse tipo de comida e nem sei o que deve ter no cardápio.

Acho que cheguei cedo demais pois nem sinal do Mike. Decido me sentar na mesa sugerida pelo garçom e pedir uma água enquanto espero o moreno sexy e cruel.

10 minutos, 30 minutos, 1 hora e nada do Mike. Já estou na minha segunda garrafa de água e nenhum sinal do babaca. Checo o celular a cada 30 segundos, mas nada de mensagem. Será que aconteceu alguma coisa? Decido me levantar para ir embora, quando meu celular apita:

MIKE: *Desculpa, Lia. Ainda enrolado aqui. Café amanhã?*

O quê? Tá de sacanagem? Quem ele pensa que é? E em seguida, chega outra mensagem:

MIKE: *Reembolso seu Uber. Valeu!*

Valeu? Vai se fudê! Respiro profundamente 5 vezes antes de responder:

LIA: *Imagina. Eu entendo. Amanhã nos falamos*

Falamos nada! Amanhã estarei lavando o cabelo.

—

Ao chegar em casa, visto minha mais linda máscara da felicidade e tento fugir dos meus pais. Para disfarçar a humilhação pelo que passei, saio correndo para o meu refúgio. Afinal, ficar em uma masmorra protegida à espera do príncipe encantado é muito melhor que me aventurar pelo reino encantado e só encontrar sapos, né? Mas que sapo lindo, esse moreno é!

Mas é claro que não consegui chegar no meu quarto a tempo. A fofqueira da cachorra da minha mãe (uma das 4), logo foi fazendo aquela cara de bunda e começou a choramingar para os meus pais. Eu mereço! Isso me faz lembrar, certa vez que quebrei “meio que sem querer” o computador de casa. Não que aquilo pudesse ser chamado de computador... tava mais pra cacareco, mas era o único que tínhamos. Então, quebrei e mandei arrumar escondido.

Estava tudo correndo bem, até meu pai chegar em casa. Ele nem iria notar pois a CPU ficava na parte debaixo da mesa e ele quase não usava o computador. Mas de repente, um ser de quatro patas começa a choramingar, rebolar e indicar o buraco vazio da mesa com o focinho. Eu não acreditava. Queria matar aquela peste — não literalmente, né!. Meu pai ficou parado com aquela cara de dúvida e logo gritou: “Liiiiiaaaaaa.” O final da história você pode imaginar, né?!

Aliás, além da cachorra ser fofoqueira, ela ainda vê fantasmas. Literalmente! Então, ela tem nos ajudado muito nas mudanças. Sempre que vamos visitar algum imóvel, ela vai junto. Se ficar parada feito uma estátua com cara de pânico, foge porque tem merda ali... kkk

Agora voltando ao presente. Mas é claro que a Luma (esse é o nome da peste) ia me dedurar. Ainda com minha máscara da felicidade, cumprimentei meus pais, mas inventei rápido uma dor de cabeça para poder correr para meu refúgio.

Entrei no quarto e me joguei na cama. Bem, não adianta ficar chorando o leite derramado, afinal nem acho que tenho mais leite para derramar. Minhas lágrimas secaram. O melhor a fazer agora é assistir a um filme de comédia romântica e comer sorvete, você deve estar pensando. Não, é claro que não! Preciso me afundar em trabalho. Não posso deixar isso me atrasar. Existem mais 4 duplas dispostas a fazer o gol de placa. Então Google, ai vamos nós!

Novidade em NY, enter; O que há de diferente em NY, enter; dias em NY, enter; noites em NY, enter; o que está acontecendo em NY?, enter; desespero em NY, enter? Ai meu Deus, não encontro nada. O que deve estar acontecendo por aí que pode ser uma notícia bombástica? Espera. O que é isso? Afundando? Ai meu Deus! Gollllllll!

— —

Já é domingo e me recuso a sair da cama. Café da manhã com Mike? Vai se ferrar! Afe... não posso mandá-lo se ferrar, afinal, ele é meu babá nessa matéria e que matéria irei ter!

Me arrumo rapidamente com um jeans e uma blusa regata branca que destacam os meus seios. Obrigada, sei que são lindos! Pego meu blazer preto, porque, afinal, nunca se sabe se irá esfriar e saio para me encontrar com o Mike na cafeteria Sant Ambroeus. Dessa vez, vou de metrô, porque pagar Uber o tempo todo, não dá, né! Meus pais não me incomodaram pra sair, aliás nem deveriam incomodar, afinal já tenho 25 anos. 25 anos e nem consigo me manter sozinha... aff, que frustrante. Mas isso vai mudar, ah vai!

Chego na cafeteria às 10:17 e, milagrosamente, não está lotada. Ela é um café casual e elegante, com um refinado cardápio na Avenida Madison, com algumas mesas na calçada, que lembram as ruas de Paris. Não que eu já estivesse ido lá, mas assisti a vários filmes, né?!

Pra minha sorte, e digo muita sorte porque estou faminta, Mike já está sentado e com dois capuccinos a sua frente. Quando me vê, abre aquele sorriso torto lindo e diz “comprei pra você, pra compensar a mancada de ontem.” E que mancada, hein, meu chapa!

“Obrigada”, agradeço pegando o copo e dando um gole generoso. “Mike, vamos ao que interessa. Ontem, tive muito tempo livre para realizar algumas pesquisas e...”, não consegui terminar. Mike pega minha mão e olha em meus olhos.

“Lia, desculpa de verdade. Sei que você teve muito tempo porque não apareci, mas tive uma boa razão.” Ah cara, me poupe. Lá vem a ladainha.

“Tá tudo bem, Mike, de verdade”, digo de maneira fria e rápida. Mas o moreno insiste.

“Não, não está tudo bem. Você é muito importante para mim e não quero magoá-la.” Então não fizesse iiiiiisssso!!!!

“Certo. O que aconteceu?”, pergunto mais em solidariedade à expressão dele, do que por curiosidade mesmo. Não que eu não estivesse interessada.

“Foi a Susan. Ela pareceu em casa quando eu estava saindo e pediu para conversarmos.” Um adendo: Susan é a ex-namorada gata dele, que ele ainda não conseguiu esquecer. Aquela que confunde os sentimentos dele, lembra?

“Sei, e?”, pergunto disfarçando o interesse.

“E que não sei de verdade. Não sei o que sinto por ela ou o que sinto por você. Estou muito confuso.” Ai, meu Deus! É sério que teremos essa conversa? Não é necessário cara. Nem sei se gosto de você e quer saber, acho que tô gostando menos agora. Não quero entrar nessa de te esperar por sei lá quanto tempo, até você se resolver e no final, descobrir que optou por ela. Não mesmo.

“Mike, tá tudo bem. Isso é natural. Acho que você precisa de um tempo pra você. Sem ninguém”, digo sendo o mais sincera possível e porque quero encurtar logo essa conversa, para poder voltar pra casa e fazer a minha tão sonhada touca de alisamento.

“Você é maravilhosa, sabia?”, suspira Mike, olhando em meus olhos. Claro que sei! Afinal, tem uns 15 príncipes encantados agora fazendo fila na porta da minha casa, né? Aff!

“Bom, então vamos ao que interessa. Olha o que descobri nas minhas pesquisas”, digo, mostrando um estudo para Mike.

“Afundando? NY está afundando? Isso é magnífico... não, digo, isso é uma droga. Mas pra nosso furo de reportagem, isso é magnífico”, ele diz abrindo um sorriso largo no rosto.

“Sim, segundo esse estudo, NY está afundando alguns milímetros por ano e isso devido ao peso...”, resumo rapidamente para ele.

“Isso é fantástico, acho que essa semana podemos entrevistar alguns geólogos, realizar algumas medições, tomar depoimentos e tirar algumas fotos”, ele diz reluzente. Como as boas notícias lhe caem bem!

“Maravilha então. Vamos dividir o trabalho e agir. Mas agora, preciso realmente ir para casa. Tenho um compromisso com minha mãe”, digo pensando na touca. Afinal, chegar linda amanhã ao nosso encontro para troca de informações é a coisa mais importante que posso planejar para a semana. Você vai ver o que está perdendo, Mike.

E assim, nos despedimos e volto para casa, ávida por uma sessão de beleza e infinitamente infeliz, por estar desperdiçando meu dia por alguém que não me quer. “Não sei o que sinto por ela ou o que sinto por você...”, essas palavras não saem da minha mente. Mas vou tirá-las, nem que eu tenha que arrancar parte do meu cérebro junto.

CAPÍTULO 4 – UMA SURPRESA INESPERADA

A milagrosa touca de alisamento da minha mãe funcionou muito bem. Hoje tenho cabelos lisos e estou com a pele ótima por ter dormido alguns minutos a mais. Até que não ir à Redação tem suas vantagens.

A segunda-feira já começou agitada. Em nossa divisão de trabalho, fiquei com a incumbência de entrevistar alguns geólogos sobre o “possível” afundamento de NY e isso não vai ser nada fácil. Mas, felizmente, tenho bons relacionamentos e não demora muito para que eu consiga uma reunião com o responsável pelo setor de geologia da NY University. Comentei que estudei lá? Não? Então, estudei. E não graças a grana dos meus pais, porque eles não têm, e, sim, a uma bolsa de estudos integral que consegui e a vários estágios que custearam minhas despesas e livros. Mas voltando ao que interessa, às 14:00 terei uma reunião com o dr. Tom Phillip do setor de geologia da Universidade, então, até lá, preciso estar com as perguntas estruturadas. Então, mãos à obra!

Já são quase meio-dia quando termino meu levantamento investigativo. Se eu não almoçar rápido, não conseguirei chegar à NYU a tempo. Do quarto, já sinto o delicioso cheiro de panquecas que minha mãe está preparando a meu pedido. Esse é um velho costume nosso. Desde que eu estudava, quando sentia vontade de devorar algumas das delícias da minha mãe, telefonava para ela do campus, e, ao chegar em casa, a comida estava prontinha. Minha mãe é uma deusa!

Devoro tudo em menos de 10 minutos, escovo meus dentes, troco de roupas, pego a mochila com minhas anotações e sigo correndo para a rua. De casa até o campus, levo quase 2 horas, mas se pedir um Uber, farei o trajeto em menos tempo. Então, essa é a melhor opção agora.

Ao chegar à Universidade, vejo que ainda tenho 20 minutinhos, então vou dar uma passadinha rápida no setor de jornalismo, para bater um papo com as secretárias. Adoro fazer isso. Comentei que sou comunicativa? Pois é. E gosto de aparecer, então fui representante de sala, monitora em algumas disciplinas, oradora da turma e, claro, baderneira. Não sei como não fui expulsa da Universidade, pra falar a verdade. Tudo era motivo para eu inflamar a galera e sugerir chamarmos a imprensa. Acho que pior que uma aspirante à jornalista, eu só seria se fosse aspirante à advogada.

Lembro-me de certa vez em que odiávamos a cadeira de Estudos Teóricos e Aspectos Atuais da Comunicação, incluindo quem se sentava nela, ou seja, o professor Smith, ou melhor, dr. Smith. Por que todo mundo quer ser chamado de doutor, se não é médico? Ah é... porque eles têm doutorado. E “dr.” Smith tinha uns dois. Então, odiávamos o dr. Smith, ou melhor, eu o odiava. O cara se achava a sumidade em teorias da comunicação e parecia que falava em grego ou latim. Ninguém conseguia decifrar suas explicações e o resultado sempre eram notas baixas e trabalhos medíocres.

Em determinada prova, a aspirante à jornalista aqui, ou melhor, baderneira em formação, em nome da representação da sala que eu tinha em meu poder, instiguei a turma a entregar a prova em branco e ainda ameacei denunciar a Universidade a algum órgão responsável pela educação do país. Resultado: quase todos entregaram em branco. E por quase todos, quero dizer que 2 almas infelizes resolveram fazer a prova. E para piorar, a outra turma de jornalismo também fez. Então, em resumo, 95% da sala tirou zero, ficando todos de exame final se não conseguissem tirar uma nota alta na última prova do ano.

Como não sou boba, tratei logo de arrumar um nerd da turma avançada para me ensinar e consegui tirar uma nota alta que compensou o zero. Mas o restante da turma não teve a mesma sorte e quase todos foram para exame e mais da metade, reprovaram na cadeira. Ops, acho que fiz merda!

Mas voltando ao campus, mesmo eu tendo sido essa agitadora, que gostava de levantar bandeiras sem causa, me relacionava bem com todos. Não é à toa que hoje estou aqui, podendo entrevistar uma das maiores sumidades no mundo da Geologia.

Quando chego no setor de jornalismo, grandes lembranças me vêm à mente. A sala não é muito espaçosa, mas acomoda perfeitamente as duas secretárias e a estagiária de meio período que atua aqui. Três mesas estão dispostas lado a lado e separadas da parte do público por um balcão. Quando me veem, as meninas logo se levantam e falam em uníssono: “Liiaaaaaa, quanto tempo!”

“Oi, meninas, que saudades. Como vocês estão?”, pergunto me referindo a Karen e Lucy que estão saindo detrás do balcão.

“Ah, estamos ótimas, mas sem muitas aventuras desde que você se formou”, diz Karen com um sorriso travesso.

“Posso imaginar. Como está o professor “doutor” Smith?”, pergunto dando um sorriso sarcástico.

“Ah, ele está ótimo. Não tem mais nos importunado com reclamações sobre alunas petulantes e atrevidas”, Lucy responde rindo sem parar.

“Mas o que trouxe a visita ilustre da jornalista Lia Marks à NYU?”, Karen pergunta com um sorriso reluzente.

“Nem tanto jornalista e nada ilustre”, respondo rindo. “Vim entrevistar o dr. Tom Phillip para uma matéria que faremos sobre a geologia de Nova York.”

“Ah, que bacana. Eu acho ele um gato, apesar da idade”, diz Karen suspirando sonhadora.

“Gato? Tá mais para um tigre de bengala, Karen. O cara tem quase 70 anos!”, refuta Lucy e eu não me aguento de rir. Senti falta desses comentários sarcásticos.

“E por falar em gato, assim que você se formou, recebemos o telefonema de um rapaz te procurando. Disse que lecionava na Universidade Columbia e que precisava falar com você. Na época, não consegui te ligar e acabei esquecendo, mas agora que você está aqui, vou te passar o nome dele. Pera aí, deixa eu achar na minha agenda”, comenta Karen ao vasculhar as gavetas de sua mesa.

Eu conheço algum professor da Columbia? Desde quando? Será que é para alguma reportagem? E logo já estava eu fantasiando com a possibilidade de ser chamada para uma reportagem especial na Columbia, quando Karen interrompe meus pensamentos dizendo: “Achei. O nome dele é Oliver Baker.”

As duas secretárias logo ficaram preocupadas, porque congelei nesse momento. “Você pode repetir o nome dele por favor”, digo mais para mim mesma, do que para Karen, num sussurro tremido. Nesse instante, meus olhos já estavam distantes.

“Oliver Baker”, repete Karen.

“Não é possível. Oliver!”, digo sussurrando ainda.

“Quem é Oliver, Lia?”, pergunta Lucy preocupada.

“Ah, não é ninguém. Só um amigo da escola”, digo repetindo mentalmente: amigo... não pode ser. Nesse momento, percebo que estou catatónica e tento voltar à normalidade.

“Bem, preciso ir meninas. Obrigada pela informação. Quando der, passo aqui para uma visitinha com mais calma”, digo já me virando para a porta.

“Que estranho. Tá bem, Lia. Até mais”, é tudo o que consigo ouvir, após sair às pressas da secretaria acadêmica de jornalismo.

Oliver Baker, vulgo meu segundo namorado, vulgo o amor da minha vida. Pelo menos, até agora, eu penso que pode ser. Apesar de eu ter namorado inúmeros rapazes e alguns, terem durado mais que 3 anos, Oliver sempre me assombrou. E por assombrar, digo que ele, realmente, foi responsável por alguns dos meus términos. Lembra que meu cérebro burro insiste em só fazer o certo, como obedecer a meu pai quando ele me proíbe de “ficar”? Então, nesse caso, meu cérebro sempre pensava “Lia, não é certo namorar alguém, gostando de outro. Então, termina já!” E assim, vieram vários términos. Tenho certeza de que Oliver nem sabe disso, pois eu vivia dentro do meu próprio mundo de fantasia.

Oliver Baker. Vou te contar brevemente a história desse delicioso garoto, que cruzou meu caminho aleatoriamente. Há quase 10 anos, após terminar com meu primeiro namorado (aquele arranjado que durou 1 ano e 8 meses, lembra?), acabei me “apaixonando novamente.” E isso era fácil — e é fácil até hoje. Basta um olhar meloso e já era!. Eu havia acabado de mudar de colégio de novo, mas na mesma cidade ainda, e logo me apaixonei por um garoto da minha sala. Alan era o nome dele. Mas era obvio que ele nem me notava. Filho de médicos, da alta sociedade, cercado de amigos ricos e influentes. E quem era eu? Ninguém, absolutamente ninguém. Alan nem imaginava que eu respirava, que dirá, existia! Vivia cercado pela mais belas garotas do colégio e soltava seu sorriso torto, para quem quisesse olhar.

Eu vivia me arrastando pelos cantos tentando chamar sua atenção, mas nada. Parecia que eu era invisível e, naquela época, era mesmo. Aluna nova, recém transferida, sem nenhum atrativo ou “puto” no bolso. Não tinha amigos — tá vendo, desde aquela época —, não tinha carro, não morava em uma casa legal, aliás, aqui vou fazer outro adendo.

Em um dos inúmeros empreendimentos do meu pai, ele resolveu abrir um antiquário em casa com as coisas velhas da minha avó. E por velhas, digo: sofá, abajur, pratos, tapetes, cacarecos, enfim... qualquer coisa velha que ele pudesse vender. E imagine só o nome que ele colocou no antiquário? Colocou não, pintou no muro da minha casa: “Buraco da Barata”! Com duas baratas enormes desenhadas ao lado do nome. E ainda fez referência a um mercado de antiquário localizado no Brasil: “Mercado das Pulgas, Lia. O nosso vai ser um sucesso.” Eu lá queria saber do Brasil? Eu nem sabia onde ficava o país, quem dirá o tal mercado.

Enfim, eu não tinha nada. Nem o muro branco de uma casa para chamar de meu. Então é claro que o lindo filho dos médicos aclamados da cidade nem ia notar minha existência. Mas o amigo dele notou. Certo dia, estávamos estudando no apartamento de dois garotos do colégio que moravam sozinhos — pasme, os pais permitiam que dois adolescentes morassem em outra cidade para estudar. Irado! —, quando um dele me abordou na cozinha: “Lia, né?” Eu nem sabia como responder. Só conseguia sentir o cheiro maravilhoso do perfume dele, perfume esse que me assombra até hoje, e notar seu lindo sorriso, que aliás acompanhavam os lábios mais incríveis que eu já havia visto.

Então, quando sai dos meus devaneios, respondi que sim. O garoto se chamava Oliver e estava pegando um dos Donuts de uma caixa em cima do balcão da cozinha, quando me ofereceu um pedaço. Para ser educada, eu disse que sim. Então, ele levou um pedaço à boca e disse antes de apertar os dentes: “então vem pegar.” Cara, o que é isso? Vou agora! E aquele lance de não poder “ficar”? Ah, depois resolvo isso.

E foi assim que aconteceu meu primeiro beijo com Oliver, com direito a gostinho de chocolate e baunilha. Eu nunca havia experimentado tamanha sensação. Seus lábios eram carnudos e, ao mesmo tempo, suaves. A língua explorava minha boca timidamente, enquanto suas mãos percorriam minhas costas. Elas logo se

alojaram em minha nuca, inclinando meu rosto, para que o garoto com cheiro de água fresca saboreasse meu pescoço. Meu Deus! O que era aquilo? Então, ali acontecia meu primeiro amor.

Oliver e eu namoramos por dois longos meses. Mentira! Foram dois curtos meses. Logo ele me traiu com uma loira oxigenada em uma viagem com a equipe de teatro e meu sonho encantado acabou. Mas não parou por aí. Oliver era um romântico inveterado. Tentando me reconquistar, ele escreveu cartas maravilhosas, mandou flores e até fez uma serenata sob a luz do luar, mas apesar de hoje eu me derreter pensando nessas coisas, na época, eu literalmente “cagava” pra ele. A traição foi a maior dor que meu peito havia sentido e havia matado um pedacinho de mim. Não consegui perdoá-lo.

Mas também, não consegui esquecê-lo. Oliver ficou tatuado em meu coração, bem pertinho da parte que ele mesmo havia matado e sempre voltava para me assombrar. Ao longo desses 10 anos, nos falamos algumas vezes. Poucas, mas suficientes para destruírem meus relacionamentos no momento e enraizar, ainda mais, o sentimento que eu tinha por ele.

Mas por que será que ele reapareceu? Pelo que eu sabia, ele estava morando em outra cidade. E por sabia, eu quero dizer o pouco que pesquiso, pois em nome da minha sanidade, eu o bloqueei das minhas redes sociais há uns 3 anos.

Mas acho que está na hora de desbloquear, né? Ou não? O que eu teria a perder? Já tô na lama mesmo. Sabe, sempre pensei que ele poderia ser meu príncipe encantado, mas que só estaria uns 10 anos atrasado. Quem sabe.

Mas agora não posso, ou melhor, não consigo pensar nisso, porque estou entrando na secretaria acadêmica de geologia.

— —

A volta para casa não foi tão relaxante quanto eu imaginava. Os dados obtidos na secretaria de geologia estavam fervilhando em minha mente. Acredita que NY está mesmo afundando de 1 a 2 mm por ano? Dr. Tom era realmente incrível. Apesar da bengala, era um tigre muito conservado, simpático e extremamente talentoso. Consegui colher diversas informações e outras referências a quais buscar. Ele conseguiu marcar uma entrevista com o dr. Sebastian Fox da Universidade de Chicago e a partir de agora, eu estava oficialmente atolada de trabalho.

Mas mesmo com tanta coisa pra fazer, eu não consigo tirar aquele nome da cabeça. Oliver Baker. Por onde será que anda? Será que está namorando? Se casou? Leciona ainda? Quer falar comigo???

Acho que devo desbloquear suas redes sociais, né? Ou não? Ai meu Deus do céu! Não sei. É melhor eu ir tomar um banho para esfriar minha mente e depois vejo como resolver esse dilema.

E que banho para esfriar a mente! Pra variar, estamos sem água em casa. Isso geralmente acontece quando a prefeitura está resolvendo algo no encanamento da rua ou quando não pagamos a conta de água. Suspeito que seja a segunda opção, mas não vou questionar minha mãe agora. Ela sempre fica muito nervosa quando temos problemas financeiros e por ficar nervosa, quero dizer sempre mesmo, porque nossa vida financeira não é ruim, mas sim inexistente.

A solução mágica é tomar banho de canequinha. Aff... minha mãe esquentava a água no fogão, joga em um balde e me traz pra jogar a água no meu corpo de canequinha. Até que não é tão difícil, mas não dá para se lavar direito, né? Faço uma nota mental para deixar dinheiro sobre a mesa amanhã quando sair. Não

preciso gastar tanto com Uber essa semana. Posso evitar algumas viagens e andar à pé. Dá pra ajudar na conta de água.

Já contei pra você que morei em uma casa em que o banheiro ficava do lado de fora? Não? Ah, essa é boa! Acho que essa foi uma das piores casas em que já morei. Não havia forro (dava pra ver o telhado), o piso era de taco de madeira velho e cheio de cupins, as janelas eram de madeira (e sem vidro), não havia muro e o banheiro ficava do lado de fora da casa. Era muito difícil dormir quando chovia, pois as gotas atravessavam as telhas podres e caíam sobre nós. Cansei de me cobrir com plástico para evitar me molhar.

Foi nessa casa, que fui pedida em namoro pela primeira vez e através de um programa de rádio. E naquela época, eu não tinha tanta vergonha e nem meu primeiro namorado. Acho que a gente vai crescendo e aprendendo essas frescuras de se importar com que os outros pensam. E foi nessa casa também, que tomei vários banhos de canequinha, principalmente no inverno congelante. Ai, dói até de pensar!

Mas foi nessa casa também, que minha mãe teve uma das primeiras notícias felizes em anos. Ela havia prestado um concurso para odonto e foi aprovada. Finalmente iríamos respirar e ter um pouco de paz financeira. Será?

Mas voltando ao meu banho de canequinha do presente, termino de me enxugar e vou para o meu refúgio. Agora já posso pensar no meu dilema, né?

Hum, acho melhor organizar as anotações da entrevista com dr. Tom e planejar a entrevista com dr. Sebastian antes. Será que estou fugindo da decisão? Não sei, mas acabo adormecendo em cima do meu caderno de anotações.

Capítulo 5 – UMA BUSCA

Essa noite sonhei com Oliver. Isso não é novidade. De tempos em tempos, sonho com ele. Realmente, é como se ele fosse um fantasma em minha vida. Lá está você, tentando viver seu conto de fadas e aí, do nada, o fantasma do príncipe passado vem te assombrar a noite, só para te mostrar que você ainda não ama o cara com quem está saindo.

Ai meu Deus! Acho que não vou mais conseguir adiar isso. Preciso pesquisar sobre ele. Mas antes, é melhor eu organizar minhas anotações de ontem, arrumar meu quarto e deixar o computador da família pronto para realizar a videochamada com dr. Sebastian a daqui, exatos, 43 minutos.

Enquanto me ocupo com esses detalhes burocráticos, penso em como irei fazer para encontrar Oliver. Comentei que ele foi um dos eleitos a pedir minha mão oficialmente ao meu pai? Pois é! Meu pai era mestre em me fazer passar vergonha. E por mestre quero dizer ir me buscar no colégio com um carro velho, cuja porta ao abrir caía literalmente no chão, então precisávamos segurá-la e ele ainda gritava meu nome para que eu o visse... eu e todos os alunos presentes. Minha saída era sair correndo do colégio para esperá-lo duas quadras à frente. Nossa, totalmente humilhante. Enquanto adolescente, eu preferia andar 10km a ser vista dentro daquele carro. Adolescente é idiota mesmo, né? Hoje, eu morreria por um pangaré velho daqueles. Muito melhor que ser praticamente sócia da companhia de metrô.

Mas voltando ao pedido de namoro. Eu nunca havia visto Oliver tão nervoso. Andávamos de mãos dadas da escola até minha casa e eu podia contar quantas formigas atravessavam nosso caminho, tamanho o silêncio que imperava entre nós. Ao chegarmos em casa, meu pai vestiu sua máscara militar — sim, meu pai havia sido policial e bombeiro... uma das mais de 10 profissões que ele já teve! —, fechou o semblante em um ato parecido com um juiz ao proclamar a sentença de morte de um assassino em série e disse: “Lia, nos deixe a sós.” Pronto, simples assim!

Apertei forte a mão de Oliver em um gesto de solidariedade e saí da sala, não antes de ouvir meu pai dizer, sem ao menos cumprimentá-lo: “Quais são suas intenções para com a minha filha?” O quê? Intenções? Quais seriam as intenções de um adolescente com sua namorada? Casar-se, ter dois filhos e um cachorro é que não era.

Para meu espanto e tragédia, meu pai havia gostado de Oliver e vice-versa. Espanto porque sempre tive a impressão de que meu pai mataria qualquer ser humano do sexo masculino que se aproximasse de mim e tragédia, porque a partir daquele momento, Oliver passou a ser o grande defensor do meu pai. Ai, tenha santa paciência! Imagina como é namorar um cara certinho, que adora seu pai e não faria nada que pudesse desagradá-lo? Então sim, foi um namoro bem recatado e discreto, para meu total desespero.

Aqui nesse ponto, você já deve ter percebido que não rolou sexo selvagem com o Oliver, né? Pois é! Não rolou. Na verdade, não rolou quase nada. Só uns beijos e “amassos” controlados. Acho que até seja por isso que tenho fantasiado com ele por todos esses anos. Como teria sido transar com o primeiro e, talvez, único amor da minha vida?

Mas não dá pra ficar pensando nisso agora. Acabei divagando aqui e agora só faltam 9 minutos para a entrevista com dr. Sebastian.

Ao me sentar em frente ao computador, minha mãe vem me questionar: “Nada de café da manhã de novo, Lia?”

“Ai mãe, me atrasei. Vou fazer essa entrevista e depois como algo rapidinho antes de sair de casa”, digo entrando no link que dr. Sebastian havia me enviado. Hoje vou me encontrar com Mike. Precisamos trocar

as informações coletadas e ir estruturando o texto. Temos até quinta para redigi-lo. Mike... não tenho mais pensado nele, desde que Oliver ressurgiu das cinzas em minha mente. Tá vendo como funciona? É Sempre assim. Basta Oliver permear meus pensamentos para que esqueça tudo e todos.

Mas agora não dá para esquecer todos, pois dr. Sebastian acaba de me aceitar em sua videochamada.

— —

A reunião correu bem. Consegui levantar mais algumas informações interessantes e sinto que, cada vez mais, o texto ficará redondinho. Já consigo imaginá-lo em minha mente. Aliás, isso sempre foi uma vantagem para mim. A escrita sempre fluiu, escorrendo através dos meus dedos para o pedaço de papel. Nunca sofri com o tal bloqueio criativo que todos dizem e isso, é realmente uma vantagem competitiva.

Mas nem sempre foi assim. No ensino médio, eu era uma boa aluna, mas nunca estive entre os melhores. Uns 10 alunos, todos meninos, se destacavam na lista de colocações e eu sabia o porquê. Porque EU HAVIA ME MUDADO MUITO! Acredita que fiz a 3ª série em 3 escolas diferentes? Nunca aprendi a fazer divisão numérica. E depois que você cresce, seu cérebro fica burro e todas as coisas que você deveria ter aprendido enquanto criança, simplesmente não entram mais na sua cabeça.

Entre esses 10 alunos exemplares, quem é que se destacava? Oliver, é claro! Tá vendo? Lá vamos nós de novo, lembrar do Oliver.

Agora chega! Abro meu celular, cliço no ícone do Instagram e digito: Oliver Baker. Fecho os olhos esperando a foto dele aparecer em uma lista com mais umas dez pessoas que possuem o mesmo nome. Ao abrir os olhos, corro a tela em busca de sua foto, mas nada! Uai? Cadê ele? Não tem mais Instagram? Não acredito. Abro o Facebook e faço a mesma pesquisa e... nada também! Não é possível! Que tipo de pessoa não está nas redes sociais? Somente os sociopatas ou aqueles que tem grandes segredos a esconder. Qual dos dois seria Oliver?

Então, faço o que qualquer um faria nessa situação. Desisto. Claro que não! Abro a aba do Google e digito: Oliver Baker. E, bingo! Ali está seu nome, em uma lista de professores da Universidade Columbia. É claro! Por que não pensei nisso antes?! Vou entrar em contato com a Universidade e ver se consigo o celular dele ou e-mail. Ou, sei lá, qualquer coisa.

Mas agora não dá tempo. Preciso comer algo rapidamente e sair correndo para o encontro-que-não-é-encontro com Mike.

— —

Como estou meio sem grana por ter que ajudar a pagar a conta de água — sim, deixei o dinheiro em cima da mesa —, marco meu “encontro” com Mike na Arthur Avenue Retail Market aqui no Bronx mesmo. O lugar é como um mercado público italiano, com diversas opções para comer e também fazer compras. Não é uma área enorme, mas dá para encontrar quase de tudo para comer. Desde café, passando por carnes, frutas, legumes, produtos importados da Itália, cerveja, pizza e sanduíches. Estou louca para ver a cara do Mike nesse lugar. Não consigo imaginar aquele almofadinha fora de Manhattan. Já comentei que ele é meio que rico?

Sigo à pé para a Arthur e quando chego, escolho meu restaurante preferido, o Mike's Deli. Lá eu consigo comer o melhor sanduíche de presunto de parma do mundo por apenas 12 dólares e ainda consigo dividi-lo com alguém, porque ele é enorme. Não que Mike vá querer dividir, mas eu sim! 6 dólares é meu limite de gasto pra hoje.

Mike chega 20 minutos atrasado e dá pra notar que está meio perdido. É hilário ver o moreno sexy e cruel com os olhos arregalados.

“Oi Lia. Que lugar interessante esse!”, ele diz me dando um rápido beijo no rosto.

“Sim. Adoro essa parte do Bronx. Já pedi nossa comida: sanduíche de presunto de parma. Vamos dividir”, falo rapidamente, sem dar tempo para ele retrucar ou sugerir outra coisa.

“Beleza. O que você conseguiu com dr. Tom?”, ele pergunta se ajeitando na cadeira e pegando suas anotações da bolsa. Sim bolsa masculina, porque Mike não usaria uma mochila como os simples trainees mortais.

O Mike's Deli — muita coincidência ter o mesmo nome do meu acompanhante, né? —, é um restaurantezinho aconchegante, especializado em tudo o que você imaginar de comida italiana. É uma loucura! Desde todos os tipos de salames, a queijos, pastas, azeites e, é claro, os molhos especiais de tomate. Dá vontade de devorar tudo!

Ver Mike todo desajeitado na cadeira se tornou meu hobbie preferido. Acho que a partir de agora, só marcarei encontro-que-não-é-encontro com ele aqui no Bronx. Pode me chamar de maldosa. Mas o cara merece, né? Afinal, ele não sabe o que sente por ela ou o que sente por mim!

Saindo dos meus devaneios, penso em todas as informações que tenho sobre a parte geológica de NY e resumo rapidamente para Mike, que fica impressionado com quantas informações consegui. Claro que consegui, babaca... eu sou foda!

E depois é a vez dele me mostrar o que conseguiu. Fotos, depoimentos, dados geológicos detalhados, enfim, nosso artigo está ficando com uma cara incrível de matéria de primeira capa. Agora só precisa ser escrito, né? E agora sinto que poderei ter problemas. O jornalista de campo veterano não vai querer que a estagiária de luxo aqui escreva, né? Mesmo que essa estagiária tenha sido condecorada com o prêmio de 1º lugar na turma de jornalismo do ano em que se formou.

“Mike, precisamos começar a escrever a matéria, para vermos se será necessária mais alguma informação”, falo entre uma mordida no sanduíche e um gole na coca.

“Sim, Lia, mas não se preocupe com isso. Já estou escrevendo.” O quê? Como assim escrevendo, seu arrogante presunçoso. Como ousa começar a escrever sem minhas informações ou sem me consultar? Quase engasgo com o gole de coca e penso rápido em como me sair dessa situação.

“Ah, legal. Que bom que já começou. Sabe, eu tava aqui pensando. Preciso começar a treinar a escrita para quando eu puder, finalmente, escrever algum artigo para o Jornal. Então eu estava pensando....” Ai, tô começando a me enrolar. Foco, Lia!

“.. em escrever essa matéria! Só como treino. Queria sua opinião sobre ela”, conluo dizendo. Opinião nada, seu babaca narcisista. Quero publicar minha matéria. Mas não posso dizer isso em voz alta. Então, torço para que ele morda a isca e aceite “avaliar” minha escrita. Quando eu provar que meu texto ficou melhor que o dele, darei o golpe final!

“Ah, claro Lia. Será um prazer. É para isso que esses desafios servem. Os mais experientes ajudam os menos experientes a aprimorar suas competências”, ele diz com uma voz de falsa modéstia, encobrindo seu ar

de superioridade. Quer saber, por causa dessa gracinha, não vou pagar minha parte da conta. Se ele é tão superior, pode pagar por 1 sanduíche e duas coca-colas.

— —

Volto para casa à pé de novo, mas a caminhada é ótima para limpar minha mente e concatenar minhas ideias para a escrita do artigo. Sei que vou arrasar. Preciso chegar logo em casa e rascunhar um primeiro esboço, antes que as palavras se percam dentro do meu cérebro burro. Burro porque enquanto penso no meu texto, aparece as seguintes palavras em minha mente: “Olá, boa tarde! Sou ex-aluna da NYU e trabalho como jornalista no The Works. Preciso do contato de um dos professores de vocês, para coletar informações à cerca de uma matéria que estamos escrevendo. Ele se chama Oliver Baker. Poderia me ajudar? Att, Lia Marks.”

Ah, tenha santa paciência Lia! Agora é hora de arrasar com seu texto sobre o afundamento de NY e não arrasar com a escrita falsa de um e-mail para descobrir o telefone do seu ex-namorado. Fazer o que, né? Minha cabeça é multifuncional. Consigo fazer várias coisas ao mesmo tempo.

Chego em casa por volta das 17:00. Minha mãe ainda não chegou do trabalho e meu pai está em seu lugar preferido da casa: o sofá. Às vezes, quero perguntar se ele não vai trabalhar, mas engulo as palavras me lembrando que ele não tem profissão direito e que isso sempre o aborrece. Mas porque ele não faz qualquer tipo de coisa para arrumar uns trocados? Por que só minha mãe e eu temos que carregar a casa? Ah, mas é claro! É porque ele sempre está à espera da grande guinada da sua vida! Aff!!! O que não entendo é como ele aparece com grana de vez em quando. 50 dólares ali, 10 dólares aqui e assim por diante.

Bom deixa pra lá. Vida que segue. Cumprimento meu pai com um sorriso largo e digo: “Como foi seu dia?” e ele responde desanimado: “Igual.” Tadinho! No fundo tenho muita pena dele. Ele é muito talentoso — já contei que já publicou um livro de poesias? — e incompreendido. Merecia ter dado certo na vida. Mas independente disso, foi e é o melhor pai que uma garota rebelde poderia ter.

Dou um beijo em seu rosto e digo que vou ao meu quarto escrever o artigo. E vou mesmo. Só que também tenho que redigir um e-mail!

— —

O dia termina rápido e a noite, também, passa voando. Nem me dou conta que minha mãe trouxe o jantar para mim no quarto. Ela sabe que quando escrevo meio que saio da órbita e não posso ser interrompida. Pelo menos isso, meus pais respeitam!

Pronto, texto finalizado e e-mail enviado a Universidade Columbia. Agora é enviar o texto a Mike e aguardar a resposta da Columbia. O que posso fazer agora? Assistir filmes, é claro! Afinal eu mereço um descanso após horas intermináveis de iluminação divina passando pelos meus dedos.

Escolha da vez: Casa comigo? Com Amy Adams e Matthew Goode. Amo esse filme. Nada mais que natural você viajar para o outro lado do mundo, querendo pedir seu namorado em casamento, mas no caminho,

você se apaixonar por outro, né? Aaaaaiiii... como é lindo. E assim, adormeço ouvindo Declan dizer “Eu não aceito sua proposta. Eu não quero não fazer planos com você. Eu quero fazer planos com você....”

Capítulo 6 – UMA MATÉRIA EXTRAORDIÁRIA

Hoje não sonhei com Oliver. Não é assim que funciona. Não sonho com ele quando quero. Ele só aparece em meus sonhos quando não estou pensando nele. Aliás, sempre aparece nos piores momentos, como um fantasma para me assombrar.

Bem, hoje ainda é quarta-feira então não preciso ir à Redação. O texto está finalizado e não tenho nada pra fazer. Ai como é boa a sensação de relaxar e poder dormir um pouco mais. Mas, o que vou fazer hoje? Não tô acostumada a não ter nada pra fazer. Acho que vou passar o dia na cama, maratonando alguma série romântica. Amo! Que tal.... Crepúsculo? Tá... bem clichê! A bela garota estranha, que se apaixona pelo vampiro, mas tem uma quedinha pelo lobisomem. Alguma semelhança com a minha vida? Com certeza sou uma garota esquisita, apaixonada por um vampiro de sonhos e com uma quedinha por um lobisomem moreno sexy e cruel. Pronto, decidido! Vou de Crepúsculo!

— —

A quarta-feira passa rápido e logo estou tendo o sono dos justos novamente. E já amanhece a quinta-feira. Grande dia hoje. Dia de avaliar o texto do Mike, comparar as escritas e esfregar na cara dele que meu texto ficou melhor!

Mal levanto da cama e já vou correndo ligar o computador. Tá, você pode dizer que eu poderia ver o e-mail dele no meu celular, né? Mas é que gosto de telas grandes quando se trata de ler textos importantes.

Abro rapidamente o aplicativo de e-mails e o vasculho à procura do e-mail de Mike. Mas o que encontro é um e-mail da Universidade Columbia. Meu Deus, já? Abro ou não abro? E se não puderem me dar o contato dele? E se ele não leciona mais lá e o site da Universidade ainda está desatualizado? E... se...

Certa vez, assisti a um filme... certa vez não, assisto esse filme quase todo mês: Cartas para Julieta com Amanda Seyfried e Christopher Egan. E a carta de Sophie dizia: ““e” e “se” são duas palavras que separadas não representam nada, mas que juntas podem te assombrar pelo resto da vida...” Algo mais ou menos assim. Então, ao invés de “e se..” Lia, abre logo a porra desse e-mail.

“Senhorita Lia Marks é um prazer receber seu contato. Informamos que a Universidade possui um setor de relacionamento com a imprensa...”, claro que eles tem. Burra, porque não pensei nisso antes! “mas mesmo assim, lhe passaremos o contato do professor Oliver Baker. Segue: oliver.baker_literatura@columbia.edu. Att, secretaria acadêmica de Literatura da Universidade Columbia.”

Encosto vagarosamente na cadeira refletindo sobre minhas possibilidades. Posso ignorar esse e-mail e fingir que não o recebi, ou posso colocá-lo na pasta de importantes e enterrá-lo lá por anos, ou posso redigir um novo e-mail endereçado a Oliver Baker, ou posso redigir esse e-mail e salvar em “Rascunhos.” Qual opção seguir?

Meu devaneio é novamente interrompido pelo meu próprio cérebro que diz que preciso ler o texto de Mike. Então, foco Lia!!!!

Volto para a aba de “Entrada” do e-mail e me concentro em encontrar o e-mail de Mike, dizendo ao meu próprio cérebro que depois resolvo o que irei fazer com o e-mail da Universidade Columbia.

Aqui está. Remetente “Mike Carter.” Assunto “Meu texto.” Com um ar de superioridade e um sorriso sarcástico nos lábios, abro o e-mail e me concentro na leitura.

— —

Nossa, é bom. Na verdade, é muito bom! Não é à toa que ele é jornalista de campo. Mas arrisco dizer que o meu texto ficou melhor. Agora é convencê-lo disso. Não sei se Mike terá a humildade para admitir isso. Vou descobrir hoje. Marcamos de nos encontrar no De Lillo Pastry Shop, mais um local do Bronx. Meu passatempo preferido passou a ser ver aquele engomadinho, filhinho de mamãe, desconfortável por estar em lugares assim. Eu sei... é maldade! Mas me divirto muito com isso... kkk.

Às 10:00 em ponto estou sentada no Café, com meu capuccino de 4 dólares da marca italiana Lavazza, esperando Mike aparecer. Pra variar, ele está atrasado. Acho que não se localiza bem por esses lados da cidade.

Quando ele chega, seu cabelo está desgrenhado de novo e sua respiração ofegante. Não sei como, mas ele fica mais lindo ainda assim.

Me dá aquele sorriso torto quando nossos olhares se encontram e se senta à minha frente. Apesar do De Lillo ser uma cafeteria pequena, possui algumas mesas na calçada, onde estamos sentados. Não se compara ao tipo parisiense do café que Mike me levou, mas é bem aconchegante e tem um ar italiano. Aliás, nem sei se Mike gosta da culinária italiana, nunca perguntei. Mas ele também nunca me perguntou sobre minha descendência, então estamos quites!

Após ele realizar o pedido de café mocha em um copo de ferro com um cannoli regado com chocolate e polvilhado com açúcar em pó, nos olhamos fixamente, um esperando o outro começar a falar. Mas isso não aconteceu. Passamos uns 5 minutos desviando os olhos e fingindo admirar o cardápio.

Eu fui a primeira a quebrar o gelo: “Li seu artigo. Gostei muito.” Ele respira aliviado e diz: “Também li o seu. Fiquei impressionado, Lia. Está muito bom.” Uau! O mauricinho babaca me elogiou? Isso é um milagre, meu Deus! São Pedro, pode soltar os trovões porque vai chover. Mas porque estou atacando mentalmente o cara? Eu nem conheço ele direito. Por que imaginei que ele era uma dessas pessoas esnobes e metidas? Ah, porque essa sou eu! Comentei que tenho mania de perseguição? Sempre acho que as pessoas estão contra mim.

Isso me faz lembrar de uma das inúmeras vezes em que achava que alguém não gostava de mim. Dessa vez, minha coordenadora do curso de Jornalismo. Eu tinha certeza de que ela me perseguia e então passei a atacá-la pelas costas, é claro! Eu usava qualquer oportunidade para ressaltar o quanto ela era incompetente como coordenadora e que deveria ser substituída. Não demorou muito para a turma toda odiá-la. Até que um dia, ela me parou no corredor e me perguntou: “Lia, porque você está comentando que seu curso não tem coordenação?” Uau, assim na lata! Eu não estava preparada para embates cara a cara. Aliás, até hoje ainda não estou. Não gosto de conflitos pessoalmente, apesar de sempre os instigar pelas costas.

Engoli a seco e lhe expliquei os “motivos” por eu ter dito aquilo. Na verdade, inventei um monte de baboseiras para justificar minhas afirmações. Ela se defendeu e ainda disse “Lia, se te forço um pouco mais nas aulas é porque vejo grande potencial em você.” E ai estava, meu primeiro tapa na cara. A partir daí,

ela se tornou minha mentora e eu passei a ter vergonha de tudo o que havia imaginado sobre ela. Mas acha que aprendi? Claro que não! Aqui estou eu, julgando alguém que mal conheço e imaginando que ele não reconheceria meu talento. Chego a ter vergonha de tê-lo arrastado para o Bronx de novo. Mas não tenho a menor vergonha de fazê-lo pagar a conta novamente. Tô sem grana.

“Pensei que poderíamos combinar nossos textos para escrever um novo, assim aproveitaríamos as melhores partes dos dois. Sei que vamos arrasar!”, continua o moreno, me resgatando dos meus devaneios. Dá pra perceber que viajo muito, né? Fazer o quê? Essa sou eu!

“Ótima ideia Mike. Como podemos fazer?”, respondo fingindo que estava prestando atenção nele.

“Acho que podemos ir à Redação amanhã bem cedo e passamos o dia lá formatando nosso texto. Jaques não queria nos ver lá trabalhando em outros temas. Para isso, ele não vai se opor”, reflete Mike, olhando avidamente para seu cannoli quase terminado.

“Excelente Mike. Amanhã às 8?”, pergunto roubando seu último pedaço de cannoli.

“Amanhã às 8, espertinha.” Assim, finalizamos nosso café e nos despedimos com um beijo meloso no rosto que fez minhas pernas bambearem. Ah, e é claro que ele pagou a conta. Nem fiz muito esforço para contribuir com minha parte.

E assim, segui para minha casa, pensando em como escrever o tão famigerado e-mail a Oliver Baker.

—

“Oi Oli. Aqui é a Lia. Lembra-se de mim?” Como assim “lembra-se de mim?” É claro que ele se lembra de você Lia! Afinal, faz apenas 6 meses que ele te procurou na NYU.

“Oi Oli. Aqui é Lia. Quanto tempo!” Boa! Começando de forma casual.

“Soube que você tentou entrar em contato comigo através da NYU.” Legal! Demonstro que só estou respondendo, como quem não quer nada e nem está desesperada por notícias.

“Somente hoje recebi essa informação. Esse é meu contato. Se quiser falar, pode me escrever. Bj, L.” Eeeee, enviar. Feito!

Ah nããããã... esqueci de colocar meu número de celular. Agora não dá mais. Mas confesso que prefiro as conversas longas de e-mails dos que as rápidas por mensagens instantâneas. Fazer o que, né? Agora é aguardar. Nem estou desesperada mesmo.

—

A quarta-feira passa lentamente. Acho que não ajudou muito eu atualizar a aba de entrada do meu e-mail a cada 30 minutos. Mas enfim, a noite cai. Não posso ficar esperando por um e-mail que talvez nunca venha. Preciso de algo para me ocupar. Que tal um filme? Acho que me motivei a ver Cartas para Julieta. Faz mais de 1 mês que vi e isso é imperdoável. Vamos corrigir isso já. Cama, ai vou eu!

— —

A noite passa rápido, pois nem assisti 30 minutos do filme e já capotei. Acho que precisava descansar depois de tantas emoções do dia anterior. Mas hoje é quinta-feira e estou muito animada. Finalmente vamos finalizar nosso texto e entregar a Jaques. Ele pediu para entregar até sexta, então temos que surpreender e entregar antes. Lembra do meu lema, né?

Saio da cama me arrastando. Três dias foram suficientes para me fazer acostumar a me levantar tarde. Por que tenho que morar tão longe do trabalho? Ah, lembrei: porque sou pobre!

Hoje não nego o café da manhã da minha mãe, que já está a postos na cozinha preparando o café preto com bacon e ovos. Não que seja meu preferido. Como toda boa italiana, sou mais chegada em um pão, mas nem sempre minha mãe faz. Como rapidamente e me despeço dela com um beijo no rosto.

Metrô, metrô e mais metrô e as 8:15 estou na Redação. Mike ainda não chegou, pra variar. Acredito que só os trainees cumpram horário, pois as estrelas brilham muito para prestarem contas sobre sua luz. Às 9:23, Mike dá o ar da graça na Redação, o que foi bom, pois quase consegui colocar em dia os mais de 133 e-mails que recebi nos últimos 3 dias. A maioria tratava de “para conhecimento”, mas outros precisei me dedicar para responder.

Quando faço menção a me levantar, Ana, minha companheira de mesa, me chama e sussurra: “Como anda seu artigo Lia?” Me acomodo novamente na cadeira e respondo baixinho: “Indo. É fácil trabalhar com Mike” e ela responde sussurrando ainda: “Ah legal. Não tive a mesma sorte com Nicole.” E eu respondo: “Já dava para imaginar que a deusa da escrita não ia cooperar com os simples mortais, né?” E ela responde mais baixo ainda: “É!” Ai finalizo: “por que estamos cochichando?”, e ela responde: “Sei lá, estou traumatizada por conviver com Nicole, então é melhor garantir que ela não me veja falando, sorrindo ou respirando.” Seguro uma gargalhada em solidariedade, mas no fundo, sinto muita pena de Ana.

Ana também é trainee como eu, mas desconfio que não tenha tanto talento com a escrita. Mas é uma checadora excepcional. Filha de imigrantes japoneses, Ana não é muito alta, mas é bem magra e possui o cabelo preto e curto mais liso que já vi. Ai que inveja! Por ter origem asiática, desconfio que esse seja o motivo para ser reservada e introvertida. Mas quando a conhecemos, nos apaixonamos por sua doçura.

Enquanto analiso minha colega com olhos de piedade, ela se vira e sussurra novamente: “Os trainees estão combinando de ir ao Le Bain amanhã à noite. Topa?” Opa, sair de casa de verdade? E pra beber e dançar? Claro que topo.

“Ah bacana”, respondo e ela logo emenda: “Sei que você está meio sem grana, mas a entrada hoje é pela metade do preço pra todo mundo.” Metade do preço? Agora sim, falaram a minha língua.

“Melhor ainda. Nos vemos lá às 22:00?” pergunto ainda em tom baixo. “As 22:00!”, ela confirma, mas emenda em seguida: “Mas antes vamos nos encontrar na casa do James para um esquentar. Topa?”

James é um dos outros trainee e é bem atrapalhado. Acho que é por isso que todo mundo gosta dele. Alto, moreno, pele bem branca, óculos e olhos bem esbugalhados. Ele mais parece um personagem de desenho animado, mas é extremamente desconfiado e engraçado. Por ele ser muito atrapalhado, Jaques o deixou responsável pelas notícias políticas das cidades pequenas do estado de NY e estados vizinhos. O que ele pode fazer de errado, cuidando de política interiorana, né?

“Claro que topo. Me manda o endereço por mensagem”, digo rapidamente, vendo Mike se aproximar.

“Oi, Lia. Tudo bem?”, ele diz. Claro, gato mais lindo do mundo, eu pensei.

“Sim e você?”, mas respondi.

“Bem também. Ansioso pelo nosso trabalho.” Ansiosa estou eu para te beijar. Opa! Eu pensei isso em voz alta? Quero dizer, ansiosa para escrever. Ai, preciso logo de um namorado. Essa seca e a sina de esperar por sinal de fumaça do Oliver estão me deixando louca.

“Eu também. Acho que podemos usar a sala de pesquisa do segundo andar”, falo meio distraidamente.

“Ótimo. Vou indo pra lá. Te espero.” E simples assim, o moreno sexy e cruel sai andando lentamente, distribuindo sorrisos encantadores pelo caminho, até chegar ao pé da escada que leva ao segundo andar.

— —

A manhã passa rápido. Como eu disse, é fácil trabalhar com Mike. Ele aceita tranquilamente minhas ideias de encaixar o texto e sugere grandes ganchos que enriquecem nossa história. E por volta das 13:20, nosso texto estava finalizado e entregue na mesa de Jaques. Mal posso esperar pelo anúncio do vencedor.

Antes que eu pudesse sugerir que fôssemos almoçar, meu estômago fala mais alto. Que vergonha!

“Fome, né, Lia? Vamos almoçar?” diz o moreno. “Claro”, digo já juntando minhas coisas.

Uma das coisas que mais gosto no The Works é que a alimentação é gratuita. Não que seja a comida mais maravilhosa do mundo, mas o Jornal possui um restaurante próprio para seus colaboradores. E lá estava eu, pegando um filé de peixe.

Eu e Mike nos sentamos com os outros trainees em uma mesa, para saborear nossa não tão saborosa comida. Sempre tive dificuldades em cortar carnes, pois sabem, sou filha única. Ai você deve estar se perguntando: mas filhas únicas não sabem cortar a própria comida? Claro que sabem, mas não perfeitamente, pois a mãe cortava para elas até os 16 anos. Ops, foi mal!

Aliás, lembro-me da primeira vez que precisei cortar minha própria comida. Foi num jantar em casa, com meu primeiro namorado de convidado. Minha mãe fez pizza e eu estava muito tensa por ter que cortá-la. Apesar da aula rápida que meus pais me deram antes do jantar, é claro que um pedaço de pizza pulou do meu prato direto pro centro da mesa. Para minha sorte, meu namorado estava mais nervoso que eu e não tirava os olhos do próprio prato, o que permitiu que meu pai agisse rapidamente: ele pegou o pedaço e deu a um dos 5 cachorros da época, que estavam de guarda abaixo de nossos pés, esperando alguma calabresa cair da mesa milagrosamente. Na verdade, desconfio que esses cães já soubessem da minha falta de habilidade com talheres.

Mas voltando ao meu filé de peixe, além de não saber cortar direito, tenho completo pavor de engolir um espinho, pois isso já aconteceu. Então ao invés de cortar, vou desfiar todo o filé.

Não demora muito para que James me pergunte: “O que você está fazendo?” e eu respondo com aquela cara de “não acredito que você está perguntando isso”: “Tô procurando espinhos.” E ele logo olha assustado e diz: “Por quê?” Ai Jesus.... como pode ser tão burro! “Porque peixe tem espinho, né?” e logo todos deram um risinho contido.

Ao longo do almoço, percebo alguns sussurros e outros comentários dizendo: “Esse peixe tem muita pena, né?” Oi? Como assim “pena”? Aff... não vou entrar nessa, não! Simplesmente fiz cara de paisagem e continuei saboreando meu peixe.

Mais tarde, depois que todos fizeram mais piadas sobre penas, Mike se aproxima de mim e falou sussurrando em meu ouvido: “Meu bem, você comeu filé de frango e não peixe.” Não pode ser. Eu teria percebido a diferença. Eu senti gosto de peixe em minha boca. Aff... que vergonha! Como posso ser tão atrapalhada?

Mas é claro que eu não ia dar o braço a torcer.

“Claro que comi peixe. Eu saberia a diferença, né, Mike” e me virei para o computador fingindo estar ocupadíssima.

Os sussurros cessaram e a tarde finalmente acabou. Graças a Deus! Assim como a quinta-feira, que passou sem eu perceber.

Night, ai vou eu!

CAPÍTULO 7 – UM DEUS DO MONTE OLÍMPO

James mora em um pequeno apartamento da Chelsea. Sei que sua família tem boas condições financeiras, então é mais fácil para ele se manter em um ap. desses sendo trainee como eu.

Não estou muito familiarizada com a galera, pois nunca saí com eles e confesso que fiquei extremamente feliz pelo convite. Mas vou admitir, estou bem nervosa por não entender as conversas e piadas internas que eles contam.

Muita conversa e risadas são jogadas fora, regadas a cerveja, vinho e tequila, muita tequila. Não sei como esse povo pode gostar disso.

Quando eu já estava ficando inquieta por querer ir logo para a boate, Noah, o outro trainee da turma comenta que logo iríamos para a festa, mas que só estávamos esperando mais um integrante da trupe. Pelas minhas contas, todos os cinco trainees já estavam no apartamento, incluindo o Bryan, que mal abriu a boca desde que foi contratado há 5 meses.

De quem eles estariam falando?

De repente, a porta se abre e surge um rapaz alto, olhos castanho-mel esverdeados, cabelos cor de mel e com um dos sorrisos mais lindos e fáceis que já vi. Não chamou muito minha atenção, mas me incomodou e não sei o porquê. Talvez seja pelo fato de ele estar segurando um capacete. Eca! Odeio pessoas que dirigem moto! Mais um legado do meu pai, que sempre me dizia: “Lia, só marginal anda de moto e você não consegue, sequer, permanecer em cima de uma bicicleta, quem dirá dirigir uma moto.” Que injustiça! Só porque eu havia sido atropelada 1 vez de bicicleta e me esborrachado duas vezes no chão, não significava que eu não poderia aprender a dirigir moto. Ou sim? Tanto faz... nunca vou saber mesmo, pois não tive permissão para tirar habilitação para moto.

Aliás, abrindo um adendo sobre habilitação, sabe quem pagou a minha? É claro que não foi meu pai e nem aos 16 anos. Foi um dos meus casos amorosos e aos 24 anos. Mas essa é uma outra história.

Voltando ao Deus grego que acabou de entrar... para! Nem sei por que disse isso. Ele não chega a ser um Deus, mas algo nele me inquieta. Se não foi o capacete, pode ser a jaqueta de couro ou esse sorriso fácil. Sei lá! Não tenho muito tempo pra pensar, já que Ana está oficialmente realizando as apresentações.

“Lia, esse é o Ethan. Ele é jornalista noturno no The Works. Um dos raros deuses do monte olímpio que descem até a terra para falar com os simples mortais.” E que Deus! Foca, Lia!

“Muito prazer!”, digo apertando sua mão. Noto como ela é macia, mas não tenho muito tempo para analisar, porque logo ele diz: “O prazer é todo meu.”

Ana complementa dizendo: “Lia é trainee conosco na Redação durante o dia e arriscamos dizer que é a mais talentosa.” Talentosa? Desde quando eles pensam isso de mim? Não sei, mas é muito bom ouvir isso.

E assim, a conversa se dispersa e todos começam a falar ao mesmo tempo. Graças a Deus, um abençoado dá a ideia de irmos logo pra boate, porque estou louca para dançar.

O Le Bain não é uma das casas noturnas mais caras de NY, mas sem dúvidas é um das mais badalados. A música rola no terraço do hotel Stardart, no 18º andar e a vista é incrível. Considerada a balada da “gente como a gente”, é bem adequada aos bolsos de um bando de trainees falidos. A pista de dança é irada e possui um bar mais ao fundo, com vários bancos altos para degustarmos drinques.

Quando chegamos, a música já rolava solta e a casa já estava cheia. Vou correndo para a pista de dança com os demais e nos acabamos de dançar. Hoje não exagerei muito no visual. Estou com uma saia preta agarrada até os joelhos que realçam meu quadril, uma blusa preta de manga longa e gola alta, porque está um pouco frio, e com o cabelo preso em um rabo de cavalo, pois não estava com paciência para alisá-lo novamente. A única parte solta é a franja, que fica de lado, pendurada atrás das orelhas. Ou seja, um visual básico, para uma noite básica. Ah, e não posso me esquecer das botas de cano alto.

Após me acabar na pista de dança, eu estava morrendo de sede. Então resolvi me sentar em um dos bancos altos do bar. Nem noto sua presença se aproximando, mas quando me viro, Ethan está se sentando ao meu lado. Que cara estranho!

Como sou mulher, jovem e bonita, é claro que o garçom me atende rapidamente e isso é um fato! Observe o tempo de espera por uma bebida quando um rapaz pede e quando uma garota pede. Nosso tempo é infinitamente menor.

Olho para Apolo e vejo que preciso puxar conversa. Isso mesmo, vou dar uma apelido ao Ethan, porque ficar chamando-o de Deus grego não rola, né? Escolhi Apolo porque além de meio loiro, ele me transmite tranquilidade. Não sei. Só sei que quando ele sorri, me derreto toda.

“Quer uma bebida?”, falo finalmente saindo dos meus devaneios. “Claro, vamos de cerveja?” Opa, esse é dos meus!

“Garçom, duas cervejas por favor?”, digo dando uma piscadinha pro barman a minha frente. E não são necessários nem 10 segundos para que as garrafas estejam em nossas mãos.

“A você!”, diz Apolo batendo com a cerveja dele na minha. “A nós!”, eu corrijo.

E assim, começa uma longa e divertida conversa.

Apolo é um cara extremamente divertido, mas suave ao mesmo tempo. Aquele tipo de pessoa que não força a barra e que consegue se dar bem com todo mundo. A conversa com ele rola fácil e já consegui descobrir que ele se formou há 1 ano somente, mas que foi contratado rapidamente. Acho que é um talento. Também já descobri que ele divide um apartamento com mais dois amigos, um físico e um engenheiro e que a família, que deve ser um pouco abastada, mora próximo a NY na Filadélfia (Pennsylvania). Parece que ele costuma visitar a família a cada 15 dias. Bom garoto! Sobre mim, acredito que eu tenha contado bastante. Minha vida, apesar de atrapalhada, é um livro aberto e sou bem comunicativa, lembra?

Como o barulho está muito alto, precisamos conversar mais próximos... bocas perto de orelhas... e tenho que confessar, quando ele fala em meus ouvidos, sinto um arrepio. Também senti um choque quando nossas mãos se tocaram sem querer ao pegarmos a mesma bebida. Não sei, mas tem algo de diferente nesse cara!

A noite passou sem nem notarmos. Apolo é uma das pessoas mais interessantes e divertidas que conheci e acabei, até, esquecendo de dançar.

“Ta me devendo outra balada, Deus do Olimpo”, brinco com Ethan quando todos estamos nos despedindo. “Por quê?”, ele fala sorrindo. E que sorriso!

“Oras, por ter me monopolizado a noite toda. Nem me lembrei de dançar.” Ele sorri ou melhor gargalha e aquele é o melhor som que ouço em dias. Acho que há grandes chances de estar nascendo uma linda amizade aqui.

—

Acordar às 05:30 da manhã, após encher a cara com um Deus grego até às 03:00 da manhã não é nada fácil. Sinto que minha cabeça vai explodir. Mas espera aí? Por que Ethan estava na balada ontem se ele é repórter noturno? Faço uma nota mental para perguntar a ele, quando vê-lo novamente.

Me arrasto para fora da cama, troco de roupas, pego minhas coisas e sigo para a cozinha para o café da manhã. Hoje com pão, graças a Deus!

A caminho do trabalho, entro no meu e-mail para checar se Oliver respondeu — nada! — e no Instagram para xeretar um pouco. Logo vejo que Ethan solicitou me seguir. Uau! Sem camisa! E que peitoral é esse? Deveria ser crime ser tão lindo assim.

É claro que eu o aceito e começo a segui-lo também, mas não tenho tempo de vasculhar sua conta, pois chego em minha parada de metrô e tenho que correr para sair do trem.

—

Mais um dia no paraíso! Tá, isso foi meio sarcástico. Amo estar na Redação. Mas responder a mais de 70 e-mails, eu odeio!

Acredito que hoje Jaques vá ler todos os artigos. Quem sabe já não sai o resultado? Nossa, que ansiedade!

Dito e feito! Olha ele com os dois caras da divisão internacional. Estão na sala de reuniões, com as portas fechadas. Mas não podem se esconder, pois as paredes são todas de vidro, então vou ficar mandando pensamentos positivos para eles, até que amem nosso texto. É, li isso num livro: O poder do subconsciente, do dr. Joseph Murphy. Você deveria ler!

Quando me levanto para fazer uma pausa e tomar um café, sinto meu celular vibrar. Sinal de notificação do Instagram. Abro o aplicativo e sigo para a aba do Messenger.

Mensagem de uma tal de Sarah.

“Oi Lia. Sou a namorada do Ethan. Pensei que te conhecia, mas não te conheço não. Até.”

O quê??? O Deus grego tem namorada? E que papo todo foi aquele ontem? E por que não me contou esse pequeno detalhe, ao invés de ficar me falando que levou o dobro do tempo para se formar em Jornalismo? — história pra depois. Aliás, por que me adicionou no Instagram?

Ah não! Mais uma fantasia que criei em minha cabeça. Eu mereço!

--

Se tem uma coisa que não me abandona é a dor de cabeça. Essa, pelo menos, é fiel. Já são quase 18:00 e o dia está acabando. Graças a Deus! Por que fui beber tanto ontem?

Jaques e os dois escudeiros ainda não saíram da sala de reuniões, mas não tenho mais esperanças de nenhum anúncio de ganhador hoje. É, acho que a grande revelação ficará para semana que vem.

Estou arrumando minhas coisas para ir embora, quando Jaques sai da sala de reuniões e grita meu nome. Me sobressalto, porque sempre acho que é bronca, mas logo penso no desafio. Será que está me chamando para elogiar nosso texto? Em um movimento fluido, levando meus olhos e aceno para meu chefe.

“Vem aqui por favor”, ele grita da porta da sala de reuniões. Logo me levanto e me direciono para a sala. A ansiedade é grande e me consome por dentro.

“Lia, acabei de receber um texto do jornalista Josan e gostaria que você revisasse. Mas é para amanhã, ok?” Santo Deus! Como pude passar de um elogio para trabalho escravo em 10 segundos? “Claro, Jaques!”, respondo com um sorriso belo no rosto.

“Maravilha, já está em seu e-mail”, ele diz sorrindo e fechando, literalmente, a porta na minha cara.

Era tudo o que eu queria. Perder a sexta-feira à noite, revisando outro texto medíocre. Mas fazer o que, né? Mãos à obra!

Como minha casa é muito longe, decido ficar na Redação e revisar logo a porcaria do texto narrativo de 5 páginas. Assim, ganho o tempo da viagem de volta pra minha casa e quando voltar, já posso despencar na minha cama de princesa.

O texto narrativo não é lá tão medíocre quanto eu achava, o que me fez ter mais dedicação ao trabalho de revisão. A narrativa está muito bem estruturada e a linha de raciocínio, detalhadamente construída. Tenho que parabenizar o autor. Vi poucos textos assim. Quando finalmente termino às 21:13 em ponto, me levanto da mesa, estico a coluna e arrumo minhas coisas para sumir da Redação.

Ao chegar à porta, não consigo atravessá-la, pois um lindo peitoral de 1,85 metros bloqueia meu caminho. Claro! Só podia ser ele, o grande Apolo.

“Mitlis... você por aqui?!”, diz Ethan com um sorriso contagiante?

“Mirtilo? Agora deu pra me ofender?”, refuto imediatamente.

“Claro que não. Mitlis é uma palavra dinamarquesa. Comentei que meu pai é dinamarquês e que aprendemos algumas coisas desde crianças?” Claro que ele fala dinamarquês! Como não previ isso antes.

“Ah tá!”, exclamo sem entender muito e fazendo uma nota metal para pesquisar essa palavra no google depois.

“Chegando agora?”, pergunto fingindo não ter interesse.

“Sim. Sempre fico pelas ruas à procura de reportagens bombásticas noturnas, mas hoje precisei vir à Redação primeiro para finalizar um texto”, ele logo se justifica.

“Ah legal. Aproveitando sua divina presença aqui entre os meros mortais, gostaria de saber por que você não comentou que tinha uma namorada?”, digo logo atacando.

“Ah, não comentei não? Achei que tinha falado”, ele se defende.

“Não! Definitivamente não falou. E por que não conseguiu inserir esse pequeno detalhe entre sua história de 35 minutos sobre se formar em 8 anos e os negócios de sua família?”, digo pressionando o Deus grego.

“Ah, sei lá. Achei que tinha falado, mas não falei. Acontece. E você, ainda aqui por quê?”, ele pergunta desviando o assunto.

“Precisei ficar para terminar uma revisão. Droga, agora tô morta de fome e cansada demais para pegar um metrô”, digo meio que desabafando.

“Conheço uma lanchonete bem bacana aqui perto. Podemos comer algo e depois te deixo em casa. Topa?”, diz Apolo com um olhar brilhante. Claro que não! Andar naquela moto maluca nesse horário? Nem pensar! E mesmo que eu quisesse, o menor indício de que eu poderia estar fazendo isso, já alertaria todos os sensores policiais do meu pai.

“Ah, valeu, mas não ando de moto”, respondi sendo sincera.

“Vim de carro hoje, Mitlis! Tô com o carro do meu pai, porque o meu tá na oficina”, Ah, é claro que ele também tem um carro. O que eu estava pensando? A única pobre desse jornal sou eu.

“Ah tá. Nesse caso, se sua namorada não se importar, eu aceito sim”, digo alfinetando Apolo.

“Ela não se importa. Temos um relacionamento maduro. Afinal saí sozinho ontem, lembra?” Claro que lembro, seu Deus grego descarado. Mas não consigo prestar muita atenção no que ele está dizendo, pois só fico lembrando do peitoral dele nu no Instagram.

“Lia?”, ele me chama pensativo.

“Oi?”, respondo sem saber muito sobre o que estávamos falando, pois só conseguia enxergar os músculos por trás da camisa agarrada. Por que o peitoral dele fica tão evidente assim? Não que ele seja um daqueles caras bombados de academia (e nem gosto disso), mas ele tem um corpo escultural, que cai muito bem pra sua altura. Nossa, sinto que tem uma baba escorrendo da minha boca. Foco, Lia!

“Ah, desculpa! Viajei aqui! Apolo, não entendi outra coisa: se você é repórter noturno, como estava no Le Bain ontem? Tá, já entendi que sua super namorada não liga! Mas você “matou” o trabalho?”, pergunto com uma sobrancelha levantada e aquela cara sarcástica, que indica que ele estava aprontando alguma.

“Claro que não. Eu tava de folga. Acabei passando o dia em casa editando meu texto para o desafio dos 100 anos. Quando faço isso, Jaques me libera na noite seguinte. Afinal, Deuses também precisam descansar, né?”, finaliza com uma piscadinha nos olhos e um sorriso maroto nos lábios. Sei! Descansar! Vou fingir que acredito.

“Vamos?”, ele pergunta.

“Sim, claro.” E assim, saímos da Redação rumo ao desconhecido.

Desconhecido nada! Fomos ao Starbucks mais próximo mesmo e comemos dois bagels — ele pagou, tá! Tô adorando sair com jornalistas efetivados! É incrível como é fácil conversar com o Apolo e dividir meus perrengues com ele. Ele nunca julga e sempre tem uma piada pronta pra contar. Suspeito que ele nem consiga conversar seriamente por um período maior que 2 minutos.

E como prometido, ele me alimentou e me levou para casa sã e salva. Não que eu quisesse chegar sã e muito menos salva em casa. Mas o que eu poderia fazer, né? O cara tem namorada! E fidelidade pra mim, é uma coisa séria. Aliás, não consegui identificar nenhum traço de perversidade ou sedução nos olhares e conversas do Ethan. É... realmente, está nascendo uma grande amizade. Será que não é isso que eu preciso agora, para me livrar dos problemas amorosos que eu mesmo crio?

E por falar em problemas, será que Oliver respondeu?

Nada de resposta e nada de ilusões. Minha caixa de e-mail está vazia, como deveria ser. É melhor assim! Oliver é sinal de problema e de problema, tô fora! O jeito agora é curtir uma “fossa” bem gostosa nesse final de semana. O que vamos maratonar dessa vez?

Oi? Você falou Gran Hotel? Tudo bem! Foi você quem sugeriu.

E assim, se foi o final de semana.

Continua...